

UM CLÁSSICO DO DESENVOLVIMENTO ESPIRITUAL

# O CAMINHO SECRETO da ALMA

*Tu fazes e desfazes-te a ti mesmo;  
Ergues-te e caís em virtude do que és.  
A tua alma chama-te, agora e sempre.  
Aceita a vida que te pertence.*

MILHÕES  
DE LEITORES  
EM TODO  
O MUNDO

JAMES ALLEN

alma  
livros

Confraria dos Livros Bons

JAMES ALLEN

# O CAMINHO SECRETO DA ALMA

Tradução de  
Francisco Silva Pereira

alma  
dos  
livros

**Confraria dos Livros Bons**

## *Ficha Técnica*

info@almadoslivros.pt

www.almadoslivros.pt

facebook.com/almadoslivrospt

instagram.com/almadoslivros.pt

© 2021

Direitos desta edição reservados

para Alma dos Livros

Título: O Caminho Secreto da Alma

Título original: All These Things Added

Autor: James Allen

Tradução: Francisco Silva Pereira

Revisão: Silvina de Sousa

Paginação: Maria João Gomes

Capa: Diana Jorge Trigo/Alma dos Livros

Imagens de capa: Shutterstock

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

**Confraria dos Livros Bons**

ISBN: 978-989-8999-81-8

1.<sup>a</sup> edição em papel: janeiro de 2021

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada

ou reproduzida em qualquer forma sem permissão

por escrito do proprietário legal, salvo as exceções devidamente previstas na lei.

**Confraria dos Livros Bons**

## **Primeira parte**

# **OS PRIMEIROS PASSOS NO CAMINHO DA ALMA**

.

Ao procurar aqui os prazeres e as recompensas eternas, os homens destruíram (no seu coração) o templo da integridade e abandonaram o caminho da alma.

Quando deixamos de procurar os prazeres terrenos e as recompensas celestes, o templo da integridade é restaurado e o caminho da alma é encontrado.

Esta verdade destina-se aos que estão prontos para a receber; e este livro também se destina àqueles cujas almas estão preparadas para aceitar estes ensinamentos.

James Allen

## *Capítulo Um*

## O GRANDE ANSEIO DA ALMA

*Percorri o mundo, mas a paz não estava lá;*

*Cortejei a erudição, mas a verdade não me foi revelada;*

*Pernoitei com a filosofia, mas a vaidade feriu-me o coração.*

*E então gritei: onde posso encontrar a paz?*

*E onde se esconde a verdade?*

Filius Lucis

Toda a alma humana é carente. A expressão desta carência varia com os indivíduos, mas não existe uma alma que de algum modo não a sinta. É uma necessidade espiritual e casual que, nas almas que atingiram determinado desenvolvimento, assume a forma de fome profunda e inexprimível, uma fome que as coisas exteriores da vida – mesmo que as tenhamos em abundância – nunca poderão satisfazer. Todavia, muitos de nós, imperfeitos no conhecimento e enganados pelas aparências, procuramos satisfazer esta fome lutando por bens materiais, acreditando que estes podem satisfazer as necessidades e trazer-nos paz.

Toda a alma, consciente ou inconscientemente, tem fome de integridade, e tenta satisfazê-la ao seu jeito e de acordo com o próprio nível de conhecimento.

A fome é apenas uma, e a integridade é apenas uma; mas os caminhos por intermédio dos quais procuramos a integridade são muitos.

Aqueles cuja procura é consciente são abençoados, e em breve descobrirão essa satisfação final e permanente da alma que só a integridade nos pode dar, porque encontraram o conhecimento do verdadeiro caminho.

Embora durante algum tempo possam banhar-se num mar de prazer, os que

procuram sem consciência não são abençoados, porque abrem para si mesmos trilhos de sofrimento pelos quais terão de caminhar com os pés feridos, e a sua fome há de crescer, e a sua alma clamará pela herança perdida – a herança eterna da integridade.

A alma não pode encontrar em nenhum dos três mundos (vigília, sonho e sono) uma satisfação duradoura que não esteja associada à percepção da integridade. Corpórea ou incorpórea, é incessantemente impelida pela disciplina do sofrimento, até que, por fim, dando por si numa situação extrema, ela voa para o seu único refúgio – o da integridade – e descobre a alegria, a satisfação e a paz que há tanto tempo procurava em vão.

A grande necessidade da alma é, então, a necessidade deste princípio permanente, chamado integridade, no qual ela pode manter-se segura e tranquila em plena tempestade da existência terrena, sem qualquer perplexidade, e onde pode construir a mansão de uma vida bela, pacífica e perfeita.

É na percepção deste princípio que reside o caminho secreto da alma, o lar permanente da alma e a fonte, e também o depósito de todas as bênçãos permanentes. Quando o encontramos, encontrámos tudo; caso contrário, tudo está perdido. É uma atitude mental, um estado de consciência, um conhecimento impossível de exprimir, no qual cessa a luta pela existência e a alma permanece em repouso no seio da abundância, onde mitiga a sua grande necessidade, sim, todas as necessidades são satisfeitas, sem conflitos e sem medo. Bem-aventurados os que procuram com diligência e inteligência, porque é impossível que procurem em vão.

## *Capítulo Dois*

## AS LEIS COMPETITIVAS E A LEI DO AMOR

*Quando for puro*

*Terei resolvido o mistério da vida,*

*Terei a certeza*

*(Quando for livre do ódio, da luxúria e da discórdia)*

*Viverei na verdade e a verdade estará em mim.*

*Estarei seguro e são de espírito e completamente livre*

*Quando for puro.*

Foi dito que as leis da natureza são cruéis; e também que são bondosas. A primeira afirmação baseia-se numa observação exclusiva do aspeto ferozmente competitivo da natureza; a segunda provém da consideração exclusiva do seu aspeto protetor e bondoso. Na realidade, as leis naturais não são nem cruéis nem bondosas, mas sim absolutamente justas – são, de facto, o resultado do princípio indestrutível da própria justiça.

A crueldade e o conseqüente sofrimento, tão predominantes na natureza, não são inerentes ao cerne e à substância da vida: constituem uma fase passageira da evolução, uma experiência dolorosa, que amadurecerá e se transformará no fruto de um conhecimento mais perfeito; são uma noite escura de ignorância e desassossego que nos leva a uma gloriosa manhã de alegria e de paz.

Quando uma criança indefesa morre queimada, não atribuímos qualquer crueldade ao funcionamento da lei natural em virtude da qual essa criança morreu; inferimos que ela era ignorante, ou que os seus guardiões foram descuidados. Ainda assim, homens e criaturas são diariamente consumidos pelas chamas invisíveis da paixão, sucumbindo à interação incessante dessas ígneas forças psíquicas que, na ignorância, não compreendem. Todavia, hão de aprender

a controlá-las e usá-las na sua proteção, deixando de as utilizar insensatamente, como agora acontece, destruindo-se a si próprios.

Compreender, controlar e ajustar harmoniosamente as forças invisíveis da alma é o destino final de todo e qualquer ser e criatura. No passado, alguns homens e mulheres alcançaram este objetivo supremo e exaltado; alguns, no presente, foram igualmente bem-sucedidos. Enquanto este objetivo não é atingido, não é possível entrar nesse lugar de repouso onde recebemos tudo o que é necessário para o bem-estar e a felicidade, sem esforço e sem dor.

Numa era como a presente, na qual em todos os países civilizados a corda da vida não poderia estar mais tensa, na qual homens e mulheres, debatendo-se em todos os setores da vida pelas vaidades e posses materiais desta existência precíval, levaram a competição ao limite máximo – nesta era, as alturas mais sublimes do conhecimento são escaladas, as mais sublimes conquistas espirituais são alcançadas; porque é quando a alma está mais cansada que a sua necessidade mais se faz sentir, e, quando a necessidade é grande, grande será o esforço. Também, onde as tentações são poderosas, maior e mais duradoura será a vitória.

O ser humano aprecia a disputa competitiva com os semelhantes enquanto esta lhe promete e parece trazer lucro e felicidade; mas, quando surge a reação inevitável e lhe entra no coração o aço frio da disputa egoísta que as próprias mãos forjaram, então, e só então, ele procura um caminho melhor.

«Bem-aventurados os que choram» – os que chegaram ao fim da contenda e encontraram a dor e a tristeza às quais ela nos conduz; porque para eles, e apenas para eles, se pode abrir a porta que conduz ao caminho secreto da alma e da paz.

Na busca deste caminho da alma é necessário compreender plenamente a natureza daquilo que impede a sua concretização, nomeadamente: a batalha da natureza, as leis competitivas que regem as questões humanas, bem como a perturbação, a insegurança e o medo universais que acompanham estes fatores; pois, sem esta compreensão, não pode existir um são entendimento do que constitui o verdadeiro e o falso na vida e, como tal, não existirá progresso espiritual genuíno.

Para que o verdadeiro seja apreendido e desfrutado, o falso deve ser revelado; antes que o real possa ser percebido, devem ser dissipadas as ilusões que o distorcem; e antes que a vastidão ilimitada da verdade se abra diante de nós,

devemos transcender a experiência limitada que se encontra circunscrita ao mundo dos efeitos visíveis e superficiais.

Os meus leitores que, sendo ponderados e sérios, procuram diligentemente, ou estão dispostos a procurar essa base do pensamento e do comportamento capaz de simplificar e harmonizar as complexidades e desigualdades desconcertantes da vida, esses leitores, então, acompanhem-me passo a passo à medida que abro o caminho para a alma: descendo primeiro ao Inferno (o mundo da disputa e do egoísmo) para que depois, tendo entendido os seus intrincados caminhos, possamos ascender ao Céu (o mundo da paz e do amor).

Durante as duras geadas do inverno, é costume em minha casa alimentarmos os pássaros, e é notável que estas criaturas, quando passam fome, convivem de forma bem amistosa, ajuntando-se para se manterem quentes e abstendo-se de qualquer disputa; se uma pequena quantidade de alimento lhes for dada, hão de comê-la com relativa isenção; todavia, se lhes for oferecida uma porção mais do que suficiente para todas, a luta pelo cobiçado alimento não demora.

De vez em quando, levávamos um pão inteiro para o jardim e, então, a disputa entre os pássaros tornava-se aguerrida e prolongada, embora houvesse mais do que poderiam comer durante vários dias. Alguns, empanturrados até mais não, ficavam de pé sobre o pão e pairavam em volta dele, bicando ferozmente os recém-chegados, tentando impedi-los de obter qualquer alimento. E esta disputa era acompanhada de um nítido e grande receio – cada vez que comiam, os pássaros olhavam em redor com um pavor nervoso, temerosos de perder o alimento ou a vida.

Neste simples incidente temos uma ilustração – grosseira, talvez, mas verdadeira – da base e do funcionamento das leis competitivas na natureza e nas questões dos homens. Não é a escassez que produz a competição, é a abundância; pelo que, quanto mais rica e luxuosa se torna uma nação, mais aguçada e feroz será a competição para assegurar o essencial e os luxos da vida.

Quando a fome se apodera de um país, logo a compaixão e a simpatia tomam o lugar da disputa competitiva; e, na felicidade de dar e receber, o ser humano conhece um antegosto dessa felicidade celestial que os espiritualmente sábios descobriram, e que todos por fim hão de alcançar.

Durante a leitura deste livro, o leitor deve ter sempre em mente que é a

abundância, e não a escassez, que cria a competição, pois esta noção traz luz e esclarece não só as afirmações aqui contidas, como todos os problemas relativos à vida social e ao comportamento humano. Além disso, se esta noção for objeto de meditação profunda e sincera, e se as suas lições forem aplicadas ao comportamento individual, o caminho que conduz à alma tornar-se-á claro.

Procuremos agora a causa deste facto, para que os males com eles relacionados possam ser transcendidos.

À semelhança do que acontece na natureza, todos os fenómenos da vida social e das nações são efeitos, e todos estes efeitos são personificados por uma causa que nada tem de distante ou autónomo, sendo essa causa a alma e a vida imediatas do próprio efeito.

Do mesmo modo que a semente se encontra contida na flor e a flor na semente, a relação causa/efeito é íntima e inseparável. Um efeito é igualmente animado e propagado, não por qualquer vida inerente, mas pela vida e pelo impulso existentes na sua causa.

Se olharmos para o mundo, vemo-lo como uma arena de conflitos na qual indivíduos, comunidades e nações estão constantemente envolvidos em lutas, disputando a superioridade e o maior quinhão dos bens materiais.

Vemos também que os mais fracos caem derrotados e que os fortes – equipados para prosseguir o combate com uma paixão inabalável – obtêm a vitória e, conseqüentemente, a posse. A par com esta luta, vemos o sofrimento que inevitavelmente lhe está associado – homens e mulheres que, vergados pelo peso das responsabilidades, fracassam nos seus esforços e perdem tudo, famílias e comunidades desfeitas, nações dominadas e subjugadas.

Vemos mares de lágrimas que nos falam de uma angústia e de uma dor indescritíveis; vemos despedidas dolorosas e mortes precoces e antinaturais; e sabemos que esta vida de conflito, quando despida da aparência superficial, é na sua maior parte uma vida de tristeza. Brevemente esboçados, são estes os fenómenos relacionados com o aspeto da vida humana ao qual agora nos referimos; são estes os efeitos tal como os vemos, e têm uma causa comum que se encontra no próprio coração humano.

Assim como as diversas formas de vida vegetal têm um solo comum de onde retiram o sustento, e graças ao qual podem viver e prosperar, as variadas

atividades da vida humana têm as raízes mergulhadas numa fonte comum, de onde extraem a vitalidade: o coração humano. A causa de todo o sofrimento e de toda a felicidade reside não nas atividades externas da vida humana, mas nas atividades interiores do coração e da mente; e toda a atividade externa é sustentada pela vida que a mesma extrai do comportamento humano.

No ser humano, o princípio vital organizado cria para si mesmo os canais externos graças aos quais pode extravasar as energias acumuladas, produz veículos por onde pode manifestar o seu potencial e colher a experiência. Como resultado, temos organizações religiosas, sociais e políticas.

Portanto, todas as manifestações visíveis da vida humana são efeitos; e, assim, embora possam apresentar uma ação reflexa, nunca podem ser causas, tendo antes de continuar a ser, para sempre, aquilo que são: efeitos mortos, reanimados por uma causa profunda e duradoura.

O ser humano tem por hábito andar por este mundo de efeitos e tomar por realidades as ilusões do mesmo, transpondo e reajustando constantemente estes efeitos, de modo a encontrar uma solução para os problemas, em vez de procurar a origem subjacente que é, ao mesmo tempo, o centro unificador e a base sobre a qual é possível construir uma solução pacífica para a vida humana.

Os conflitos do mundo em todas as suas formas – como a guerra, as disputas sociais ou políticas, o ódio sectário, os conflitos privados ou a competição comercial – têm origem numa causa comum: o egoísmo individual. E uso este termo, egoísmo, num sentido abrangente: nele incluo todas as formas de narcisismo e egocentrismo – refiro-me aqui ao desejo de sermos cúmplices da personalidade, de a preservarmos a qualquer preço.

Este elemento de egoísmo é a vida e a alma da competição e das leis competitivas. Sem ele, elas não têm como existir. Mas, na vida de todos os indivíduos em cujo coração o egoísmo, seja qual for a sua forma, encontra abrigo, estas leis entram em jogo e o indivíduo fica sujeito a elas.

Inúmeros sistemas económicos não conseguiram, e não poderão conseguir, acabar com a disputa no mundo. Eles resultam da ilusão de que os sistemas exteriores de governo são as causas dessa disputa, quando na verdade são apenas o efeito visível e transitório da disputa interior, os canais através dos quais ela tem de se manifestar. Destruir estes canais é, e sempre será, uma solução

ineficaz, visto que a energia interior imediatamente criará outros, e outros ainda.

O conflito e a disputa não podem cessar, e as leis competitivas hão de prevalecer enquanto o egoísmo encontrar alimento no coração. Todas as reformas falham quando este elemento é ignorado ou menosprezado; as reformas serão bem-sucedidas onde o egoísmo for reconhecido e onde forem tomadas medidas para a sua eliminação.

O egoísmo, como tal, é o gerador fundamental da competição, a base onde assentam os sistemas competitivos e a fonte que sustenta as leis competitivas. Assim, podemos ver que todos os sistemas de competição, todas as atividades visíveis da luta entre seres humanos, são como as folhas e os ramos de uma árvore que cobre a terra, uma árvore que tem como raiz o egoísmo individual e como frutos maduros a dor e a tristeza.

Esta árvore não será destruída se apenas lhe cortarmos os ramos: para que o processo seja eficaz, a raiz tem de ser destruída. Introduzir medidas sob a forma de condições externas modificadas não é mais do que cortar os ramos, e visto que o corte de certos ramos de uma árvore concede uma força adicional aos que permanecem, as medidas para reduzir a disputa competitiva, quando fazem frente exclusivamente aos seus efeitos externos, apenas darão mais força e vigor à árvore cujas raízes continuam a encontrar estímulo no coração humano. O máximo que até a legislação pode fazer é podar os ramos e, assim, evitar que a árvore se expanda livremente.

Estão a ser empreendidos grandes esforços para fundar uma «cidade-jardim», um verdadeiro éden plantado entre pomares, e cujos habitantes poderão viver em conforto e relativo descanso. E todos estes esforços são belos e louváveis quando estimulados pelo amor altruísta. Mas uma cidade assim não pode existir, ou não poderá manter-se por muito tempo o éden que pretende ser na sua forma externa, a menos que a maioria dos habitantes tenha dominado e conquistado o egoísmo interior.

Basta uma forma de egoísmo, por exemplo, a autocomplacência, ser alimentada pelos habitantes para essa cidade ruir, arrasando os pomares, convertendo muitas das belas habitações em mercados competitivos e em censuráveis centros de satisfação do apetite individual; transformando alguns dos edifícios em instituições destinadas à imposição da ordem. Nos espaços públicos hão de erguer-se prisões, asilos e orfanatos, isto porque, onde existir o espírito da

autocomplacência, os meios para a sua gratificação serão logo adotados, sem pensar no bem dos outros nem da comunidade (porque o egoísmo é sempre cego), e os frutos dessa gratificação serão rapidamente colhidos.

A construção de casas encantadoras e a plantação de belos jardins, só por si, nunca poderão dar origem a uma cidade-jardim, a menos que os habitantes tenham aprendido que o autossacrifício é melhor do que a autoproteção e tenham primeiro estabelecido no coração a cidade-jardim do amor altruísta. E quando um número suficiente de homens e mulheres tiver feito isto, a cidade-jardim há de surgir, florescer e prosperar, e grande será a sua paz, visto que é do coração que «jorram as fontes da vida»<sup>1</sup>.

Agora que sabemos que o egoísmo é a causa de toda a competição e disputa, surge naturalmente a questão de como lhe fazer frente, pois a cessação dos seus efeitos é a consequência natural da sua destruição; quando uma causa continua a ser propagada, os efeitos, por mais modificados que possam ser exteriormente, só podem continuar a existir.

Qualquer um que tenha ponderado em profundidade o problema da vida, e meditado com compaixão sobre o sofrimento da Humanidade, terá visto que o egoísmo se encontra na raiz de toda a tristeza – na realidade, esta é uma das primeiras verdades apreendidas pela mente que pensa. E com esta percepção terá nascido no interior desse indivíduo a vontade de encontrar alguns métodos que permitam vencer esse egoísmo.

O primeiro impulso desse indivíduo será o de introduzir alguma lei externa, ou novas disposições sociais ou regulamentos, capazes de deter o egoísmo dos outros.

A segunda tendência da sua mente será sentir total impotência perante a vontade férrea do egoísmo com que se vê confrontado.

Estas duas atitudes mentais resultam de um conhecimento incompleto daquilo que constitui o egoísmo. E este conhecimento parcial domina o indivíduo porque, embora tenha superado as formas mais básicas do egoísmo em si mesmo, o que não deixa de ser um esforço nobre, ele continua egoísta noutros sentidos menos imediatos, mas mais subtis.

Esta sensação de «impotência» é o prelúdio de uma de duas condições: desesperados, desistimos e afundamo-nos novamente no egoísmo do mundo; ou,

então, procuramos e meditamos até encontrar outra saída. E, se assim fizermos, havemos de a localizar. Prestando cada vez mais atenção às coisas da vida; refletindo, meditando, examinando e analisando; enfrentando os problemas e as dificuldades com uma reflexão intensa e desenvolvendo dia a dia um profundo amor à verdade; assim, o nosso coração há de crescer e a nossa compreensão há de expandir-se, e perceberemos que a forma de destruir o egoísmo não consiste em tentar destruir uma forma desse egoísmo nos outros, mas sim destruí-lo por completo, raiz e ramos, em nós mesmos.

A percepção desta verdade constitui a iluminação espiritual e, quando esta é despertada na mente, o «caminho reto e estreito» é revelado, e o destino final do caminho da alma já se entrevê ao longe.

Então, podemos aplicar a nós mesmos (não aos outros) estas palavras: «Porque reparas no argueiro que está na vista do teu irmão, e não vês a trave na tua? Como ousas dizer-lhe: “Deixa-me tirar o argueiro da tua vista”, tendo tu uma trave? Hipócrita, tira primeiro a trave da tua vista e, então, verás melhor para tirar o argueiro da vista do teu irmão.»<sup>2</sup>

Quando conseguirmos aplicar estas palavras a nós mesmos e agir em conformidade, julgando-nos sem piedade, mas sem julgar os outros, encontraremos a saída do inferno que é a disputa competitiva; então, elevar-nos-emos acima das leis da competição e torná-las-emos inválidas, e encontraremos a superior lei do amor, e, ao submetermo-nos a ela, tudo o que é mau afastar-se-á de nós, e as alegrias e bênçãos que o egoísta em vão procura estarão sempre ao nosso dispor. E não só: ao elevarmo-nos, teremos elevado o mundo. Graças ao nosso exemplo, muitos verão o caminho e segui-lo-ão; e os poderes das trevas enfraquecerão.

Poder-se-á perguntar aqui: «Mas o homem que se elevou acima do egoísmo e, como tal, acima da disputa competitiva, não sofrerá com o egoísmo e a competição de quem o rodeia? Não irá ele, depois de tudo o que passou para se purificar, sofrer às mãos dos impuros?»

Não, não vai. A equidade da ordem divina é perfeita e não pode ser subvertida, tornando-se impossível que alguém que tenha superado o egoísmo se sujeite às leis postas em prática pela ação do egoísmo; por outras palavras, cada indivíduo sofre em virtude do próprio egoísmo.

É verdade que os egoístas se submetem ao funcionamento das leis competitivas, e sofrem coletivamente, agindo cada um, em maior ou menor grau, como instrumento do sofrimento dos outros, o que à primeira vista faz parecer que o ser humano sofre pelos pecados alheios e não pelos seus. Mas a verdade é que num universo cuja própria base é a harmonia, e que apenas pode ser sustentado pela perfeita afinação de todas as suas partes, cada unidade recebe a afinação que lhe é devida, e sofre em si e por si mesma.

Cada indivíduo encontra-se sujeito às leis do seu próprio ser, nunca às de outro. É verdade que sofrerá como qualquer outro, e até por intermédio de outro, se preferir viver nas mesmas condições que esse outro. Mas se decidir abandoná-las e seguir outras condições, mais elevadas, que o outro ignora, deixará de estar sujeito ou de ser afetado pelas leis inferiores.

Regressemos agora ao símbolo da árvore e levemos a analogia um pouco mais longe. Assim como as folhas e os ramos são sustentados pelas raízes, as raízes extraem o alimento do solo, tateando na escuridão para encontrar o sustento que a árvore exige.

De forma idêntica, o egoísmo – raiz da árvore do mal e do sofrimento – extrai o alimento do solo escuro da ignorância. E nele prospera, se ergue e floresce. Quando falo em ignorância, refiro-me a algo diferente da falta de conhecimento; e o sentido que lhe atribuo será esclarecido no decorrer destas páginas.

O egoísmo tateia sempre no escuro. Não tem conhecimento, a sua própria natureza isola-o da fonte da iluminação; é um impulso cego que nada sabe, não obedece a lei alguma, visto que nenhuma conhece. Como tal, encontra-se forçosamente ligado às leis competitivas em virtude das quais o sofrimento é infligido para que a harmonia possa ser mantida.

Vivemos num mundo, num universo, repleto de tudo o que é bom. Tão grande é a abundância de bênçãos espirituais, mentais e materiais que tanto os homens como as mulheres deste planeta poderiam receber todo o bem necessário, viver em plena abundância e, ainda assim, ter muita de sobra. Pese embora tudo isto, que espetáculo de ignorância temos diante de nós!

Por um lado, vemos milhões acorrentados a uma escravidão incessante, num trabalho sem fim para obter uma refeição pobre e escassa e uma peça de roupa que lhes cubra a nudez; e por outro, vemos milhares, que já têm mais do que

precisam e podem gerir, privando-se de todas as bênçãos de uma vida verdadeira e das vastas oportunidades que as posses colocam ao seu dispor – isto apenas com o intuito de acumular mais desses bens materiais para os quais não têm uso legítimo. Certamente, os homens e mulheres não têm mais sabedoria do que os animais que lutam pela posse daquilo que excede as suas necessidades, e que todos poderiam usufruir em paz!

Tal estado de coisas só pode existir numa profunda e escura ignorância; tão escura e densa que se torna impenetrável, exceto para o olhar desinteressado da sabedoria e da verdade. E no meio desta disputa de espaço, alimento e vestuário, encontra-se em ação, invisível, mas potente e infalível, a lei suprema da justiça, que atribui a cada indivíduo a sua quota de mérito e demérito. Ela é imparcial; não concede favores; não inflige punições imerecidas:

*Não conhece nem a cólera nem o perdão;*

*As suas medidas são de uma precisão absoluta;*

*A sua balança é infalível, o tempo não existe para ela,*

*Julgará amanhã ou muito tempo depois.<sup>3</sup>*

Ricos e pobres sofrem pelo seu próprio egoísmo; e nenhum escapa. Os ricos têm sofrimentos específicos, e também os pobres. Além disso, os ricos estão sempre a perder as suas riquezas; os pobres estão constantemente a tentar adquiri-las. O pobre de hoje é o rico de amanhã, e vice-versa.

Não existe estabilidade nem segurança no Inferno, apenas breves e ocasionais pausas em todo o género de sofrimentos. O medo também segue os homens como uma grande sombra, porque aquele que obtém e conserva pela força egoísta será sempre assombrado por uma sensação de insegurança, receando a perda; enquanto o pobre, que egoistamente busca ou cobiça riquezas materiais, será assediado pelo medo da miséria. E todos os que vivem neste mundo inferior de conflitos e disputas são ofuscados por um grande receio: o da morte.

Cercado pelas trevas da ignorância, e sem conhecimento dos princípios eternos e promotores da vida dos quais todas as coisas procedem, o ser humano vive na ilusão de que as coisas mais importantes e essenciais da vida são alimento e

roupa, e que o primeiro dever é obtê-los, acreditando que estas coisas externas são a fonte e a causa do conforto e da felicidade.

Trata-se desse cego instinto animal que é a preservação do eu (a preservação do corpo e da personalidade), em virtude do qual cada indivíduo se opõe a outros indivíduos para «ganhar a vida» ou «assegurar uma vida confortável», convencido de que, se não estiver sempre atento, se não renovar constantemente a disputa, os outros «tirar-lhe-ão o pão da boca».

É desta ilusão inicial que advêm as outras, com os sofrimentos concomitantes. Comida e roupa não são essenciais à vida; não são as causas da felicidade. São secundárias, meros bens, e, como tal, procedem por meio de uma lei natural daquilo que é essencial, a causa subjacente.

As coisas essenciais da vida são os elementos duradouros do caráter – integridade, fé, retidão, autossacrifício, compaixão, amor; e é destes elementos que procedem as coisas boas.

Alimento, roupa e dinheiro são bens mortos; neles, não existe vida, nenhum poder exceto aquele que lhes atribuímos. Não têm vício nem virtude, e não podem favorecer nem prejudicar. Até o corpo que acreditamos ser, ao qual nos apegamos e que desejamos conservar, em breve será entregue ao pó. Mas os elementos superiores do caráter são a própria vida; praticá-los, confiar neles e viver inteiramente neles constituem a essência do caminho secreto da alma.

Aquele que diz: «Em primeiro lugar, vou desenvolver uma aptidão e assegurar uma boa posição na vida, e depois dedico a mente a essas coisas superiores», não compreende estas coisas superiores, não acredita que são mais elevadas, porque, se o fizesse, não lhe seria possível negligenciá-las. Ele acredita que as consequências materiais da vida são superiores e, como tal, procura-as primeiro. Crê que dinheiro, roupas e posição têm uma importância imensa e essencial, que a integridade e a verdade são, na melhor das hipóteses, secundárias; porque um homem sacrifica sempre o que pensa ser inferior àquilo que acredita ser maior.

Assim que percebemos que a integridade é mais importante do que a alimentação e a roupa, deixamos de tentar obter estas últimas e começamos a viver em função da primeira. É aqui que chegamos à linha que separa os dois reinos – Inferno e Céu.

Quando o ser humano percebe a beleza e a realidade duradoura da integridade, a

sua atitude mental em relação a si mesmo e aos outros, bem como a tudo o que lhe é interior e exterior, altera-se. O amor pela existência pessoal perde gradualmente o domínio; o instinto de autopreservação começa a morrer, e a prática da renúncia ocupa-lhe o lugar. Ao invés de sacrificar os outros, ou a felicidade dos outros, para seu próprio bem, ele sacrifica-se e à sua felicidade para bem dos outros. Assim, elevando-se ao eu, eleva-se além da disputa competitiva que é um resultado do eu, e acima das leis competitivas que operam apenas na região do eu e da satisfação dos seus impulsos cegos.

Ele é como o indivíduo que subiu uma montanha e, deste modo, ultrapassou todas as correntes perturbadoras nos vales. As nuvens vertem a chuva, os trovões ressoam e os relâmpagos brilham, os nevoeiros obscurecem e os furacões arrancam e destroem, mas não podem alcançá-lo nas tranquilas alturas onde se encontra e onde vive com sol e paz permanentes.

Na vida deste indivíduo, as leis inferiores deixam de operar, e ele agora encontra-se sob a proteção de uma lei superior – a lei do amor; e, em conformidade com a obediência e fidelidade a esta lei, tudo o que for necessário ao seu bem-estar chegar-lhe-á no momento em que for preciso.

A ideia de conquistar uma posição no mundo não lhe passa pela cabeça, e ele quase nem pensa nas necessidades externas da vida, como dinheiro, alimento e roupas. Mas ao submeter-se para bem dos outros, ao cumprir escrupulosamente os deveres e sem pensar em recompensas, e ao viver cada dia na disciplina da integridade, as outras coisas surgem no devido tempo e na devida ordem.

Assim como o sofrimento e as disputas são inerentes à sua causa – o egoísmo – e dela derivam, a bem-aventurança e a paz são, também elas, inerentes à sua causa, da qual derivam: a integridade. E falamos de uma bem-aventurança plena e abrangente, completa e perfeita em todos os setores da vida, porque aquilo que é moral e espiritualmente correto é física e materialmente correto.

Um ser assim é livre, porque está livre de ansiedade, preocupação, medo e desânimo, de todos os distúrbios mentais que extraem a vitalidade dos elementos do eu, e ele vive em constante alegria e paz, e isto enquanto vive no seio da disputa competitiva do mundo.

No entanto, embora caminhe no meio do Inferno, as chamas recuam diante dele e ao redor, de tal modo que nenhum cabelo da sua cabeça pode ser chamuscado.

Ainda que caminhe no meio dos leões da força egoísta, para ele, as mandíbulas estão fechadas e a ferocidade encontra-se subjugada. Conquanto ao seu redor tombem homens na feroz batalha da vida, ele não cai nem se assusta, porque nenhuma bala mortal o alcança, nenhuma flecha envenenada pode perfurar a couraça impenetrável da sua integridade. Tendo abandonado a vida mesquinha, individual e egoísta de sofrimento, ansiedade, medo e carência, ele encontrou a vida ilimitada, gloriosa de aperfeiçoamento do eu, de alegria, paz e abundância.

«Não vos preocupeis, perguntando: “Que comeremos, que beberemos, ou que vestiremos?” Os pagãos, esses sim, afadigam-se com tais coisas; porém, o vosso Pai celeste bem sabe que tendes necessidade de tudo isso. Procurai primeiro o reino do céu de Deus e a Sua justiça, e tudo o mais ser-vos-á dado por acréscimo.»<sup>4</sup>

[1 Livro dos Provérbios, 4:23. \(NT\)](#)

[2 Evangelho segundo São Mateus, 7:3-5. \(NT\)](#)

[3 Excerto do «Livro Oitavo» de A Luz da Ásia, de Edwin Arnold, também publicado pela Alma dos Livros. \(NT\)](#)

[4 Evangelho segundo São Mateus, 6:31-33. \(NT\)](#)

## *Capítulo Três*

## A DESCOBERTA DE UM PRINCÍPIO

*Acalma-te, alma minha, ciente de que a paz existe no interior.*

*Sê firme, coração, ciente de que a força divina*

*Te pertence; não te perturbes, mente,*

*E o repouso eterno hás de encontrar.*

Então, como podemos encontrar o caminho da alma? Como conseguimos encontrar a luz que, só ela, é capaz de dispersar as trevas? E de que forma superar o egoísmo interior, que é forte e tem raízes profundas?

Podemos alcançar o caminho da alma se nos purificarmos, e isto apenas será possível se seguirmos um processo de autoexame e autoanálise. Antes de o egoísmo poder ser eliminado, há que descobri-lo e compreendê-lo. Ele não pode eliminar-se, nem desaparecer por si mesmo.

As trevas cessam quando a luz surge; portanto, a ignorância só pode ser dispersa pelo conhecimento; o egoísmo pelo amor. Ao vermos que no egoísmo não existe segurança, nem estabilidade, nem paz, o processo de procura do caminho da alma transforma-se na busca de um princípio, de um princípio divino e permanente com base no qual possamos sentir-nos seguros, libertos de nós – ou seja, do elemento pessoal e da tirania e escravidão que o eu pessoal exige.

Em primeiro lugar, devemos estar dispostos a perder-nos (a perder o ego que se procura a si mesmo) antes de nos podermos encontrar (o nosso eu divino). Temos de compreender que o egoísmo não merece que nos apeguemos a ele, que é um amo completa e totalmente indigno do serviço que lhe prestamos, e que só a bondade divina merece ocupar o trono no nosso coração como senhora suprema da nossa vida.

Isto quer dizer que temos de ter fé, porque sem ela não pode existir progresso nem realização. Precisamos de acreditar nas vantagens da pureza, na supremacia

da justiça, no amparo que a integridade nos proporciona; Devemos ter presente a bondade ideal e perfeita, e lutar pela sua concretização com um esforço sempre renovado e um zelo incansável.

Esta fé tem de ser nutrida, e encorajado o seu desenvolvimento. Como uma lamparina, deve ser cuidadosamente alimentada e mantida acesa no coração, porque sem a sua chama radiosa não existe caminho que possa ser discernido nas trevas; não nos será possível encontrar nenhum caminho que nos liberte de nós mesmos. E quando esta chama crescer e arder com uma luz mais firme, a energia, a resolução e a autoconfiança hão de vir em nosso auxílio, e, a cada passo, o nosso progresso será mais rápido até que, por fim, a luz do conhecimento comece a tomar o lugar da lamparina da fé e as trevas passem a dissipar-se perante o seu penetrante esplendor.

Surgirão na nossa visão espiritual os princípios da vida divina, e, ao aproximarmo-nos deles, a sua incomparável beleza e a sua majestosa simetria hão de surpreender a nossa visão e alegrar o nosso coração com uma alegria até então desconhecida.

Ao longo deste caminho de controlo e de purificação do eu (porque é disto que se trata), cada alma deve seguir o seu percurso pelo caminho secreto. Este é tão estreito e a sua entrada encontra-se tão repleta das ervas daninhas do egoísmo que se torna difícil encontrá-lo; uma vez localizado, apenas a meditação diária nos permite não o perder de vista. Sem esta meditação, as energias espirituais enfraquecem e perdemos a força necessária para continuar. Assim como o corpo é sustentado e revigorado pelo alimento material, o espírito é fortalecido e renovado pelo próprio alimento – ou seja, pela meditação sobre as coisas espirituais.

Assim, quem, com sinceridade, decide percorrer o caminho da alma, começará a meditar e a examinar rigorosamente o seu coração, a sua mente e a sua vida de acordo com a perfeição suprema que é o seu objetivo.

No percurso que nos levará a esse objetivo, teremos de passar por três portais de entrega. O primeiro é o da entrega do desejo; o segundo é o da entrega da opinião; o terceiro é o da entrega do eu. Ao começar a meditar, passaremos a examinar os nossos desejos, identificando-os na mente e observando os respetivos efeitos na nossa vida e no nosso carácter; e rapidamente perceberemos que, sem a renúncia ao desejo, continuamos a ser escravos tanto de nós como do

nosso meio e das circunstâncias. Feita esta descoberta, o primeiro portal, o da entrega do desejo, é franqueado. Transposto este portal, adotamos um processo de autodisciplina, o primeiro passo para a purificação da alma.

Até aqui, vivemos como animais servis, que comem, bebem, dormem e procuram o prazer dos seus impulsos inferiores; que seguem cegamente e satisfazem as inclinações sem qualquer método, sem questionar a sua conduta, destituídos de um centro fixo com base no qual possam regular o caráter e a vida.

Agora, porém, começamos a viver como seres humanos: refreamos as inclinações, controlamos as paixões e estabilizamos a mente com a prática da virtude. Deixamos de procurar o prazer, mas seguimos as ordens da razão e regulamos o comportamento de acordo com as exigências de um ideal. Com a introdução deste fator regulador na nossa vida, percebemos de imediato que certos hábitos devem ser abandonados.

Desatamos a selecionar os alimentos e a tomar as refeições a horas definidas, deixando de comer sempre que a visão de um alimento nos tenta. Reduzimos o número de refeições diárias e também a quantidade de alimentos ingeridos.

Já não nos vamos deitar, seja dia ou noite, para nos entregarmos a uma agradável indolência, mas sim para proporcionar ao corpo o repouso de que ele necessita e, como tal, regular as horas de sono, levantando-nos cedo e sem encorajar o desejo animal de nos rendermos a uma preguiça sonhadora depois de acordar.

Já dispensamos os alimentos e as bebidas particularmente associados à gula, à crueldade e à embriaguez, selecionando o sustento ligeiro e retemperador que a natureza nos proporciona com tanta generosidade.

Estes passos preliminares serão adotados de imediato e, à medida que o caminho da autonomia e do autoexame é seguido, desenvolve-se uma percepção mais clara da natureza, do significado e dos efeitos do desejo, até que percebemos que a simples regulação dos desejos é inadequada e insuficiente, e que os próprios desejos devem ser abandonados, devem abandonar a mente e deixar de fazer parte da vida.

É nesta altura que a alma daquele que procura entra no sombrio vale da tentação, visto que estes desejos não se extinguem sem dar luta, nem sem um grande esforço para reafirmar o poder e a autoridade que até agora lhes foram

atribuídos. E é aqui que a chama da fé deve ser constante e frequentemente alimentada, porque toda a luz que ela possa emitir será necessária para guiar e encorajar o viajante nas trevas densas deste vale sombrio.

A princípio, os nossos desejos, como acontece com tantos animais selvagens, hão de exigir sonoramente a sua satisfação. Ao verem-se frustrados, tentarão convencer-nos a lutar com eles para, assim, nos tentarem derrubar. E esta última tentação é maior e mais difícil de vencer do que a primeira, porque apenas quando totalmente ignorados é que os desejos podem ser silenciados: só quando são postos de lado, abandonados incondicionalmente e privados de qualquer alimento.

Ao passar por este vale, o que procura adquirir certos poderes necessários ao seu posterior desenvolvimento, e esses poderes são: autocontrole, autoconfiança, coragem e pensamento independente.

Aqui, também teremos de passar pelo ridículo, pelo escárnio e pela acusação sem fundamento; de tal modo que até alguns dos melhores amigos, sim, mesmo aqueles que amamos de forma mais desinteressada, nos hão de acusar de insensatez e inconsistência, e tudo farão para nos levar de volta à vida da indulgência animal, do egoísmo e das pequenas disputas pessoais.

De repente, quase todos os que nos rodeiam hão de achar que, melhor do que nós, sabem quais são os nossos deveres, e, como não conhecem outra vida mais elevada do que a sua – um misto de excitação e sofrimento –, farão de tudo para nos fazer regressar, imaginando, na sua ignorância, que estamos a perder muito prazer e felicidade e a não receber nada em troca.

A princípio, esta atitude despertará em nós um sofrimento intenso, mas depressa descobriremos que ele é causado pela vaidade e pelo egoísmo, e resulta do nosso desejo subtil de sermos admirados e considerados. Assim que nos apercebemos disto, ascendemos a um estado de consciência superior, onde estas coisas já não nos podem alcançar nem causar dor. É aqui que começamos a manter-nos firmes e a exercer com eficácia os poderes da mente já referidos.

Como tal, devemos prosseguir com coragem, sem dar ouvidos aos insultos dos amigos exteriores nem aos clamores dos inimigos interiores; aspirando, procurando, lutando; contemplando sempre o nosso ideal com um olhar de amor sagrado; desembaraçando diariamente a mente de motivos egoístas, o coração de

desejos impuros; tropeçando às vezes, caindo outras, mas seguindo em frente e subindo mais alto. Registrando todas as noites no silêncio do coração a jornada do dia que passou, não devemos desesperar se num desses dias, com todos os seus fracassos e quedas, registarmos alguma batalha sagrada que travámos mas perdemos, alguma vitória silenciosa que tentámos mas não alcançámos. Para aquele cuja mente está decidida a conquistar o eu, a perda de hoje exponencia o ganho de amanhã.

Percorrido o vale, chegaremos por fim aos campos da tristeza e da solidão. Não tendo recebido encorajamento nem sustento, os nossos desejos enfraqueceram e estão a desvanecer-se. Estamos a deixar o vale para trás e as trevas são menos densas; mas percebemos pela primeira vez que nos encontramos sozinhos. É como estarmos no sopé de uma grande montanha à noite. Em cima, o cume, além do qual resplandecem as estrelas eternas; a pouca distância, em baixo, estão as luzes ofuscantes da cidade que deixámos, e dela chegam-nos os ruídos dos habitantes – misto confuso de gritos, gargalhadas, sons de trânsito e acordes musicais. Pensamos nos amigos, todos eles na cidade, entregues aos prazeres particulares, e nós estamos sozinhos na montanha.

Essa cidade é a cidade do desejo e do prazer, a montanha é a montanha da renúncia, e agora sabemos que deixámos o mundo; e que, doravante, as suas excitações e disputas são coisas inanimadas que já não nos podem tentar. Descansando algum tempo neste lugar solitário, sentiremos o sabor da tristeza e ficaremos a conhecer-lhe o segredo; a dureza e o ódio abandonam-nos; o nosso coração torna-se brando e os primeiros pensamentos da divina compaixão que mais tarde tomará conta de todo o nosso ser envolvem-nos e inspiram-nos. Começamos a sentir-nos unos com todos os seres vivos nos seus esforços e sofrimentos, e gradualmente, à medida que esta lição for aprendida, a nossa tristeza e solidão serão esquecidas e desaparecerão no nosso grande e sereno amor pelos outros.

Aqui, também, começaremos a entender o funcionamento das leis ocultas que regem os destinos de indivíduos e nações. Tendo-nos elevado dentro de nós acima da região inferior do conflito e do egoísmo, podemos tranquilamente contemplá-la nos outros e no mundo, analisá-la e compreendê-la, e veremos como o esforço egoísta se encontra na raiz de todo o sofrimento do mundo.

A nossa atitude para com os outros e com o mundo conhece agora uma alteração total, e a compaixão e o amor começam a ocupar na nossa mente o lugar do

egoísmo e da autoproteção; e, como resultado, o mundo altera-se na atitude para conosco.

Neste ponto, percebemos a loucura da competição e, deixando de tentar superar e ser melhores do que os outros, começamos a encorajá-los, tanto com pensamentos altruístas como, quando necessário, com atos de amor; e fazemos isto mesmo a quem egoistamente compete conosco, deixando de nos defender dele.

Como resultado direto, os nossos afazeres terrenos começam a prosperar como nunca; muitos dos amigos que a princípio troçaram de nós passam a respeitá-nos e até a amar-nos, e de repente percebemos que estamos a conhecer pessoas de um género claramente não mundano e nobre, cuja existência desconhecíamos enquanto vivíamos na nossa natureza egoísta inferior. Essas pessoas virão de muitos lugares e de longas distâncias, para colaborarem conosco e nós com elas; a comunhão espiritual e a fraternidade amistosa passarão a dominar a nossa vida e, assim, ultrapassaremos os campos do sofrimento e da solidão.

Agora, as leis competitivas inferiores deixaram de operar na nossa vida, e os resultados – o fracasso, o desastre, o escândalo e a miséria – já não podem entrar nem fazer parte da nossa experiência; e isto não apenas porque nos elevámos acima das formas inferiores de egoísmo, mas porque também, ao fazê-lo, desenvolvemos um determinado poder mental que nos permite dirigir e orientar as ocupações de forma mais eficaz.

Todavia, ainda não fomos muito longe, e, a menos que exerçamos uma vigilância constante, podemos a qualquer momento voltar ao mundo inferior das trevas e do conflito, retomando os prazeres vazios e reanimando os desejos mortos. E o perigo espreita em especial quando nos deparamos com a maior tentação pela qual qualquer ser humano tem de passar: a tentação da dúvida.

Antes de alcançar, ou sequer ver, o segundo portal, o da entrega da opinião, o peregrino defronta-se com um grande deserto da alma, o deserto da dúvida. Terá de vaguear nele durante algum tempo e, aqui, o desânimo, a indecisão, a incerteza e os pensamentos melancólicos hão de cercá-lo como uma nuvem, ocultando-lhe o caminho imediatamente à sua frente.

É também possível que um medo novo e estranho se apodere de nós, levando-nos a questionar a sensatez do percurso que seguimos. Ser-nos-ão ainda

apresentadas as seduções do mundo, com as roupagens mais atraentes, e o barulho ensurdecedor e a excitação estimulante da batalha mundana assumirão outra vez um aspeto desejável.

«Será que estou certo? Que ganho existe nisto? A vida não é feita de prazer, excitação e batalha, e, ao desistir delas, não estou a desistir de tudo? Não estou a sacrificar a substância da vida em troca de uma sombra sem sentido? Não serei eu, afinal, um pobre idiota iludido, e todos os que me rodeiam e vivem a vida dos sentidos, baseando-se nos prazeres sólidos, seguros e fáceis de adquirir, são, esses sim, mais sábios do que eu?»

Com estas dúvidas e interrogações sombrias, daremos por nós tentados e perturbados, e estas dúvidas levar-nos-ão a uma busca mais profunda das complexidades da vida, despertando em nós uma sensação da necessidade de algum princípio permanente no qual nos possamos erguer e refugiar.

Assim, ao vaguear por este deserto sombrio, entraremos em contacto com as ilusões mais elevadas e subtis da mente, as ilusões do intelecto; e, ao compará-las com o nosso ideal, aprenderemos a distinguir entre o real e o irreal, a sombra e a substância, entre causa e efeito, entre aparências fugazes e princípios permanentes.

No deserto da dúvida, somos confrontados com todas as formas de ilusão, não apenas as dos sentidos, mas também as do pensamento abstrato e da emoção religiosa. É ao testar, enfrentar e, por fim, destruir essas ilusões que desenvolvemos outros poderes ainda mais elevados, os do discernimento, da percepção espiritual, da firmeza de propósitos e da serenidade da mente, o exercício dos quais nos permite distinguir infalivelmente o verdadeiro do falso, tanto no mundo do pensamento como no das aparências materiais.

Tendo adquirido estes poderes e aprendido a usá-los na nossa guerra santa como armas contra nós mesmos, emergimos agora do deserto da dúvida; as névoas e as miragens da ilusão dissipam-se no nosso caminho e eis que surge diante de nós o segundo portal, o da entrega da opinião.

Ao aproximarmo-nos deste portal, vemos diante de nós todo o caminho que estamos a percorrer e, durante algum tempo, vislumbramos as gloriosas alturas da realização para as quais nos dirigimos; vemos o templo da vida superior em toda a sua majestade e já sentimos dentro de nós a força, a alegria e a paz da

conquista. Como Sir Galahad, agora podemos exclamar:

*Eu... vi o Graal,*

*O Santo Graal...*

*... E serei coroado rei*

*Lá, longe na cidade espiritual.*<sup>5</sup>

porque sabemos que a nossa vitória final é garantida.

Entramos num processo de conquista do eu, completamente diferente do que seguimos até agora. Até aqui, superámos, transmutámos e simplificámos os nossos desejos animais; agora, começamos a transformar e simplificar o intelecto. Até aqui, adaptámos os sentimentos aos ideais; agora, começamos a adaptar os pensamentos àquele ideal, que também assume maiores e mais belas proporções, e entendemos pela primeira vez o que constitui um princípio permanente e imperecível.

Vemos que a integridade que temos procurado é fixa e invariável; que não se pode adaptar ao indivíduo, sendo antes ele quem deve fazer por a alcançar e obedecer-lhe; que consiste numa linha de comportamento invariável, alheia a todas as considerações de perda ou ganho, de recompensa e de punição; que, na realidade, implica o abandono do eu, com os pecados do desejo, da opinião e do interesse próprio dos quais esse eu é composto, e baseia-se em viver a vida inocente do amor perfeito para com todos os homens e criaturas. Esta vida é fixa e perfeita; não conhece desvios, alterações nem qualificações e exige um comportamento impecável e perfeito. É, portanto, a antítese direta da vida mundana do eu.

Ao percebermos isto, nós, que procuramos, vemos que, embora nos tenhamos libertado das paixões e dos desejos básicos que escravizam a Humanidade, ainda nos encontramos cativos dos grilhões da opinião; que, apesar de nos termos purificado com uma pureza à qual poucos aspiram e que o mundo não pode entender, continuamos corrompidos por uma impureza difícil de eliminar: valorizamos as nossas opiniões, tendo-as sempre confundido com a verdade, com o princípio que procuramos.

Ainda não estamos livres dos conflitos e continuamos envolvidos nas leis competitivas, que também têm lugar no campo superior do pensamento. Acreditamos que (em nossa opinião) temos razão e os outros estão errados; e, no nosso egoísmo, descemos ao ponto de sentir um falso dó de quem defende opiniões diferentes da nossa. Mas ao compreender esta forma mais sutil de egoísmo da qual somos escravos, e percebendo toda a sucessão de sofrimentos que dela derivam, estando na posse desse bem inestimável que é o discernimento espiritual, baixamos reverentemente a cabeça e atravessamos o segundo portal rumo à paz final.

Agora, com a nossa alma vestida com o incolor traje da humildade, dedicamos a energia à eliminação das opiniões que até então apreciávamos e estimávamos.

Aprendemos a distinguir entre a verdade, una e imutável, e as opiniões que nós e os outros temos sobre a verdade, que são muitas e inconstantes.

Vemos que a nossa opinião sobre bondade, pureza, compaixão e amor é muito diferente destas qualidades em si, e que devemos ter como base estes princípios divinos, e não a nossa opinião. Até agora, atribuimos um grande valor à nossa opinião e considerámos inútil a dos outros, mas deixamos de elevar a nossa opinião e de a defender contra a dos outros, e passamos a achá-la inútil.

Como resultado desta atitude mental, refugiamo-nos na prática da bondade pura, isenta do desejo básico e do egoísmo sutil, e assumimos como base os divinos princípios da pureza, sabedoria, compaixão e amor, incorporando-os na mente e manifestando-os na nossa vida.

Encontramo-nos agora trajados com a integridade de Cristo (incompreensível para o mundo) e começamos rapidamente a tornar-nos divinos. Não só nos apercebemos das trevas do desejo, mas também da vaidade da filosofia especulativa. Como tal, livramos a mente das subtilezas metafísicas que nada têm que ver com a santidade prática, e que até agora nos dificultavam o progresso e impediam de ver as realidades duradouras da vida.

Agora livramo-nos das nossas opiniões e especulações, umas atrás das outras, e começamos a viver a vida do amor perfeito para com todos os seres. Com cada opinião superada e abandonada como um entrave, surge uma crescente leveza de espírito, e começamos a perceber o significado do que é ser «livre».

As flores divinas da felicidade, alegria e paz despontam espontaneamente no

nosso coração, e a vida torna-se uma canção feliz. E à medida que a melodia no coração se expande e se torna mais perfeita, a vida exterior harmoniza-se com a música interior.

Estando todos os nossos esforços isentos de conflitos, obtemos o que é necessário ao bem-estar, sem dor, sem ansiedade nem medo. Transcendemos quase por completo as leis competitivas, e a lei do amor rege a nossa vida, retificando harmoniosamente os nossos assuntos mundanos, e sem esforço ou dificuldade da nossa parte.

Com efeito, as leis competitivas, conforme existem no mundo comercial, foram há muito abandonadas, e deixaram de nos influenciar em qualquer aspeto dos assuntos materiais. Aqui, também, encontramos uma consciência mais abrangente, e, ao ver o universo e a Humanidade a partir das altitudes superiores da pureza e do conhecimento às quais ascendemos, percebemos a sequência ordenada da lei em todas as questões humanas.

A busca deste caminho traz o desenvolvimento de poderes mentais ainda mais elevados, e esses poderes são: paciência divina, equanimidade espiritual, não resistência e visão profética. Com visão profética, não me refiro à previsão de acontecimentos, mas sim à percepção direta das causas ocultas ativas na vida humana e, de facto, em toda a vida, e das quais brotam os efeitos e acontecimentos multifacetados e universais.

Aqui, elevamo-nos às leis competitivas que operam no mundo do pensamento, de tal modo que os resultados das mesmas – violência, ignomínia, tristeza, humilhação, angústia e ansiedade em todas as suas formas – deixam de existir na nossa vida.

À medida que prosseguimos, os princípios imperecíveis que constituem os alicerces e o tecido do universo surgem diante de nós e assumem proporções mais simétricas. Para nós, já não existe angústia; nenhum mal pode aproximar-se da nossa morada; e entramos então na paz permanente.

Porém, ainda não estamos livres. A jornada continua por concluir. Podemos descansar aqui e enquanto bem entendermos; mas, mais cedo ou mais tarde, despertaremos para o último esforço e alcançaremos o objetivo final: o estado altruísta, a vida divina.

Não estamos livres de nós mesmos: ainda nos apegamos, embora com menos

tenacidade, ao amor pela existência pessoal e à ideia do interesse exclusivo pelos bens pessoais. E quando finalmente percebemos que estes elementos egoístas também devem ser abandonados, surge diante de nós o terceiro portal: o da entrega do eu.

Não nos dirigimos agora para um portal sombrio, mas sim para um iluminado pela glória divina, radioso com um brilho com o qual nenhum esplendor terreno pode competir, e avançamos, seguros, direitos a ele. As nuvens da dúvida dispersaram-se há muito; os sons das vozes da tentação ficaram perdidos no vale; e, com passos firmes, porte ereto e o coração repleto de uma alegria indescritível, dirigimo-nos para o portal que guarda o Reino de Deus.

Agora, desistimos de tudo menos do interesse pelas coisas que são nossas por direito de lei, mas percebemos que não devemos considerar nada como adquirido; e, quando paramos junto ao portal, ouvimos a ordem que não pode ser evitada nem negada: «Ainda te falta uma coisa: vende tudo o que tens, distribui o dinheiro pelos pobres e terás um tesouro no Céu.»<sup>6</sup>

Ao passar o último grande portal, sentimo-nos gloriosos, radiantes, livres, distantes da tirania do desejo, da opinião, do eu. Seres divinos – inofensivos, pacientes, ternos, puros –, descobrimos aquilo que procurávamos: o Reino de Deus e a Sua justiça.

A jornada pelo caminho da alma pode ser longa e fastidiosa, ou curta e rápida. Pode ocupar um minuto ou demorar um milhar de eras. Tudo depende da fé e da crença daquele que procura. A maioria não consegue «entrar, por causa da incredulidade»<sup>7</sup>: como pode o ser humano entender o que é a integridade quando não acredita nela nem na possibilidade da sua concretização?

Nem é necessário abandonar o mundo exterior e os nossos deveres nele. Não, o caminho da alma só pode ser encontrado por meio do desempenho desinteressado do dever. Há quem tenha uma fé tão forte que, ao ser-lhe apresentada esta verdade, consegue que a mente abandone quase de imediato tudo o que é pessoal, e, assim, compreender a herança divina.

Mas os que creem e esperam alcançarão a vitória mais cedo ou mais tarde, se, entre todos os seus deveres mundanos, não perderem a coragem nem largarem de vista a bondade ideal, e continuarem com firme determinação a fazer por serem

«coisas mais completas»<sup>8</sup>.

5 Excerto do poema «The Holy Grail», de Tennyson. (NT)

6 Evangelho segundo São Lucas, 18:22. (NT)

7 São Paulo, Carta aos Hebreus, 3:19. (NT)

8 Ibidem, 6:1. (NT)

## *Capítulo Quatro*

## O SILÊNCIO DA ALMA

Toda a jornada entre o caminho do conflito e o caminho do amor consiste num processo que pode ser resumido: regulação e purificação do comportamento. Este processo, se posto em prática com diligência, levar-nos-á necessariamente à perfeição. Veremos também que, à medida que obtém o domínio de certas forças no interior de si mesmo, o ser humano adquire o conhecimento de todas as leis que operam no âmbito dessas forças, e, se observar o processo contínuo da causa e efeito dentro de si mesmo, até ser capaz de o entender, ele compreendê-lo-á então em todos os matizes no seio da Humanidade.

Além disso, visto que as leis que regem as questões humanas são o resultado direto das necessidades do coração, o ser humano, ao reformular e transmutar essas necessidades, coloca-se sob a orientação de outras leis que operam de acordo com a condição alterada; além disso, ao dominar e superar as forças egoístas no interior de si mesmo, já não pode continuar sujeito às leis que regem essas mesmas forças.

O processo consiste também na simplificação da mente, na eliminação de tudo o que não seja o ouro essencial, presente no caráter. E com a mente assim simplificada, a complexidade aparentemente insondável do universo assume um aspeto cada vez mais simples, até que o todo passa a resumir-se e a assentar em alguns princípios inalteráveis; e, em última análise, estes princípios são percebidos como contidos em apenas um, ou seja, o

amor

.

Com a mente simplificada, encontramos a paz e, agora, começamos a viver. Observando retrospectivamente a vida pessoal que abandonámos para sempre, vemo-la como um pesadelo do qual despertámos. Todavia, se olharmos para fora de nós mesmos, e também para baixo, com os olhos do espírito, vemos que os outros continuam a viver esse pesadelo. Vemos homens e mulheres que se

debatem, lutam, sofrem e perdem a vida por algo que lhes pode ser dado com abundância pela mão generosa do Pai, fossem eles capazes de abandonar a cobiça e aprender a aceitar sem qualquer reticência. E o nosso coração enche-se de compaixão e também de alegria, porque sabemos que a Humanidade despertará do seu longo e penoso sonho.

Na parte inicial da nossa jornada, parecia que deixávamos a Humanidade para trás e sofriamos na solidão. Mas agora, tendo alcançado o ponto mais alto, o nosso objetivo, damos por nós mais próximos da Humanidade do que nunca – sim, a viver no coração dela, condoendo-nos das suas tristezas, regozijando com as suas alegrias, isto porque, já não tendo considerações pessoais a defender, vivemos por completo no coração da Humanidade.

Deixámos de viver para nós mesmos; vivemos para os outros; e, ao fazê-lo, conhecemos a maior das alegrias, a paz mais profunda.

Procurámos durante algum tempo a compaixão, o amor, a felicidade, a verdade; mas agora tornámo-nos verdadeiramente compaixão, amor, felicidade e verdade – pode dizer-se que deixámos de ser uma «personalidade», porque todos os elementos pessoais foram extintos e restam apenas as qualidades e os princípios que são totalmente impessoais. E essas qualidades manifestam-se agora na nossa vida e, doravante, no nosso carácter.

Tendo deixado de proteger o eu, e vivendo em permanente compaixão, sabedoria e amor, ficamos sob a proteção da lei mais elevada, a do amor, e compreendemo-la e colaboramos conscientemente com ela; sim, passamos a identificar-nos com essa lei.

«O Eu desaparece e funde-se no Universo»<sup>9</sup>: aquele cuja natureza é compaixão, sabedoria e amor não precisa de proteção, visto que estes princípios constituem a mais elevada proteção, sendo eles o que todos os homens e mulheres têm de real, divino e imortal, e constituindo a realidade indestrutível na ordem cósmica.

Também já não precisamos de procurar o prazer, cuja natureza é a bem-aventurança, a alegria, a paz. No que respeita à competição, com quem pode competir aquele que, em amor, se identificou com todos? Com quem deve lutar aquele que se sacrificou por todos? Quem alcançou a fonte de toda a felicidade e recebe das mãos do Pai as coisas necessárias deve rejeitar a competição cega, despropositada e ineficaz de quem?

Aquele que perdeu o seu eu (a personalidade egoísta) encontrou-se (a sua natureza divina, amor); e o amor e todos os efeitos do amor são parte integrante da sua vida. Agora, ele pode exclamar com alegria:

*Conheci o mestre da compaixão;*

*Enverguei as vestes da lei perfeita,*

*Entrei no caminho da alma da grande realidade;*

*A errância terminou, pois que o repouso se consumou;*

*A dor e a tristeza cessaram, porque entrei na paz;*

*A confusão dissolveu-se, pois que a unidade se manifesta;*

*O erro é vencido, porque a verdade é revelada!*

Encontrado o princípio harmonizador – a integridade ou o amor divino –, todas as coisas passam a ser vistas como são, e não graças à intervenção ilusória do egoísmo e da opinião; o universo é uno e todas as suas múltiplas operações são a manifestação de uma lei.

Até aqui, nesta obra, têm sido referidas leis superiores e inferiores, e esta distinção era necessária; mas, agora que o caminho da alma foi alcançado, vemos que todas as forças em ação na vida humana são as diversas manifestações da única lei suprema do amor. É em virtude desta lei que a Humanidade sofre, que, pela intensidade dos seus sofrimentos, ela será purificada e se tornará sábia, renunciando assim à fonte do sofrimento que é o egoísmo.

Sendo o amor a lei e o alicerce do universo, segue-se que todo e qualquer egoísmo se opõe a esta lei, é um esforço para a derrotar ou a ignorar. Como resultado, os atos e pensamentos egoístas são seguidos de uma parte de sofrimento que se torna necessária para anular o efeito dos primeiros e, assim, manter a harmonia universal. O sofrimento é, por isso, a restrição que a lei do

amor impõe à ignorância e ao egoísmo, e é dessa dolorosa restrição que a sabedoria por fim surge.

Não havendo conflito nem egoísmo no caminho da alma não existe sofrimento nem restrição; verifica-se a harmonia perfeita, o equilíbrio, o repouso. Aqueles que entraram no caminho secreto da alma não seguem inclinações animais (deixaram de existir para eles), antes vivendo em conformidade com a mais elevada sabedoria. A sua natureza é amor, e eles vivem em amor para com tudo.

Nunca se preocupam com «ganhar a vida», pois são a própria vida e vivem no coração da vida; e caso surja alguma necessidade material ou outra, ela é imediatamente satisfeita sem ansiedade nem esforço.

Caso sejam chamados a realizar qualquer trabalho, o dinheiro e os amigos necessários logo aparecem. Tendo deixado de violar os seus princípios, todas as necessidades são supridas por meios legítimos. Qualquer dinheiro ou ajuda necessária surgirá por intermédio de pessoas boas que, elas próprias, já estão no caminho da alma ou estão a contribuir para ele.

Aqueles que estão no caminho da alma do amor têm todas as necessidades satisfeitas pela lei do amor, sem inquietação. Do mesmo modo, os que estão no caminho da alma do eu só satisfazem as necessidades por meio de muita disputa e sofrimento. Tendo alterado a causa no seu coração, eles alteraram os efeitos na sua vida interior e exterior. Assim como o eu é a causa/raiz de todo o sofrimento e disputa, o amor é a causa/raiz da paz e felicidade.

Aqueles que estão em paz no caminho da alma não procuram a felicidade em posses externas. Veem-nas como simples bens transitórios que surgem quando necessários. Cumprido o seu objetivo, desaparecem.

Eles só pensam nestas coisas (dinheiro, vestuário, comida, etc.) como meros acessórios da verdadeira vida. Como tal, estão livres de ansiedades e problemas, e, repousando no amor, são a personificação da felicidade.

Ao reger-se pelos imperecíveis princípios de pureza, compaixão, sabedoria e amor, eles são imortais e sabem que o são; são unos com Deus (o bem supremo) e sabem que são unos com Deus. Ao ver a realidade das coisas, não encontram lugar para qualquer condenação. Tudo o que acontece nesta Terra é visto como instrumento da boa lei, mesmo o que recebe o nome de mau.

Todos os seres humanos são essencialmente divinos, embora inconscientes da sua natureza divina, e os seus atos são esforços, ainda que muitos sejam obscuros e impotentes, destinados a realizar algum bem maior. O chamado mal deve ser encarado como tendo as raízes na ignorância, mesmo as ações consideradas intencionalmente perversas; deste modo, a condenação deixa de existir, e o amor e a compaixão tornam-se tudo.

Mas não se pense que os filhos da alma vivem na facilidade e na indolência (estes dois pecados são os primeiros que devem ser erradicados quando pretendemos percorrer o caminho da alma): eles vivem numa atividade pacífica; na realidade, eles apenas vivem verdadeiramente, porque a vida do eu com a sua série de preocupações, tristezas e receios não é a vida real.

Executam os deveres com diligência, livres de pensamentos respeitantes ao eu, e utilizam todos os meios ao dispor, bem como todos os poderes e faculdades – que se encontram largamente intensificados – para a edificação da integridade no coração dos outros e no mundo que os rodeia. É este o seu trabalho – primeiro pelo exemplo, depois pelo ensinamento.

Tendo vendido tudo o que possuíam (renunciando a qualquer interesse próprio), eles agora dão aos pobres (dão, da sua grande reserva de sabedoria, amor e paz aos necessitados de espírito, aos esgotados e abatidos pela dor), e seguem o Cristo cujo nome é

amor

.

E deixam de conhecer a tristeza, antes vivendo em perpétua alegria, porque, embora vejam o sofrimento no mundo, também veem a felicidade final e o refúgio eterno do amor, para o qual se podem dirigir os que estão preparados e para onde todos se encaminharão.

Os filhos da alma são conhecidos pela sua vida. Eles manifestam os frutos do Espírito – «amor, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, autodomínio»<sup>10</sup> – em todas as circunstâncias e vicissitudes. Estão completamente livres de ira, medo, desconfiança, inveja, capricho, ansiedade e tristeza. Vivendo na justiça de Deus, manifestam qualidades diametralmente opostas às que ocorrem no mundo, consideradas pelo mundo como tolices.

Eles não exigem direitos; não se defendem; não retalias; fazem o bem àqueles que tentam prejudicá-los; manifestam o mesmo espírito bondoso tanto aos que se lhes opõem e os atacam como aos que concordam com eles; não julgam; não condenam ninguém nem nenhum sistema, e vivem em paz com tudo e com todos.

O caminho secreto da alma é perfeita confiança, perfeito conhecimento, perfeita paz. Tudo é música, doçura e tranquilidade. Nenhuma irritação, nenhum mau feito, nenhuma palavra dura, nenhuma desconfiança, nenhuma concupiscência e nenhum elemento perturbador conseguem lá entrar.

Os seus filhos vivem em perfeita doçura, perdoando e sendo perdoados, servindo os outros com pensamentos, palavras e ações amáveis. E esse caminho da alma existe no coração de todos os homens e mulheres; é a sua herança legítima, o seu caminho interior; no qual podem entrar agora. Mas nenhum pecado pode lá entrar; nenhum pensamento ou ato resultante do eu pode passar pelos seus portais dourados; nenhum desejo impuro pode contaminar as suas vestes radiosas.

Todos os que quiserem, podem entrar, mas têm de pagar o preço – o abandono incondicional do eu.

«Se queres ser perfeito, vai, vende o que tens»<sup>11</sup>; mas perante estas palavras o mundo afasta-se «contristado, porque possui muitos bens»<sup>12</sup>; possui muito dinheiro que não pode conservar; muitos medos que não consegue deixar ir; muitos amores egoístas aos quais se apega avidamente; muitas despedidas dolorosas que de bom grado devia evitar; porque é rico na procura do prazer; rico em dor e tristeza; rico em conflitos e sofrimento; rico em excitação e aflição; rico em todas as coisas que não são riquezas, mas pobre nas riquezas que não se encontram fora do caminho da alma; rico em todas as coisas que pertencem às trevas e à morte, mas pobre nas que são luz e vida.

Então, aquele que é capaz de compreender o caminho da alma, paga o preço e entra. Se a sua fé é grande e sagrada, pode fazê-lo agora, e, ao libertar-se do eu como se de um traje se tratasse, ele fica livre. Se tiver menos fé, a sua elevação será mais lenta e poderá encontrar o caminho da alma graças a um esforço diário e a um trabalho paciente. O templo da integridade tem como paredes os quatro princípios – pureza, sabedoria, compaixão, amor. A paz é o telhado; o chão a firmeza, a porta de entrada é o dever abnegado, a atmosfera é a inspiração, e a

música é a alegria do perfeito.

Ele não pode ser abalado e, sendo eterno e indestrutível, deixa de lhe ser necessário procurar proteção na preocupação com as coisas do amanhã. Estando o caminho da alma estabelecido no coração, a satisfação das necessidades materiais da vida deixa de ser considerada, porque, encontrado o Altíssimo, todas estas coisas são adicionadas como o efeito à causa; a luta pela existência deixou de existir e as necessidades espirituais, mentais e materiais são satisfeitas diariamente pela abundância universal.

*Muito te procurei, Espírito Sagrado,*

*Espírito Mestre, dócil e humilde;*

*Procurei-te com uma tristeza silenciosa,*

*meditando sobre as desgraças dos homens;*

*Procurei em vão o teu jugo de docilidade,*

*Sob o peso da aflição e da fraqueza;*

*Sem encontrar, todavia, no meu fracasso,*

*procurando uma e outra vez.*

*Em desassossego e dúvida e tristeza*

*vivia eu, mas sabia que a tua alegria*

*me aguardava algures; algures*

*saudava corações partidos e tristes como o meu;*

*Eu sabia que de alguma forma te havia de encontrar,*

*Deixando o pecado e a dor para trás,*

*E que por fim o teu amor me permitiria*

*entrar no repouso divino.*

*Ódio, escárnio e injúria*

*queimavam a minha alma que buscava, profanando*

*aquele que devia ter sido o teu Templo,*

*onde deves existir e habitar;*

*Orando, lutando, esperando, chamando;*

*Sofrendo, penando na minha queda,*

*ainda assim te procurei, tateando às cegas nas*

*profundidades sombrias do Inferno.*

*E procurei-te até que te encontrei;*

*E os poderes sombrios que me rodeavam*

*fugiram, e deixaram-me em silêncio, apaziguado,*

*a ponderar*

*os teus temas sagrados;*

*De dentro e de fora de mim*

*fugiram eles quando deixei de duvidar de ti;*

*E encontrei-te na tua glória, poderoso Senhor*

*dos meus sonhos!*

*Sim, encontrei-te, Espírito Sagrado*

*belo e puro e humilde;*

*Encontrei a tua alegria e paz e felicidade;*

*Encontrei-te na tua Casa do Repouso;*

*Encontrei a tua força no amor e na docilidade,*

*e a minha dor e o meu pesar e a minha fraqueza*

*deixaram-me,*

*e fiz o caminho que apenas os abençoados percorrem.*

## **Segunda Parte**

## **A VIDA DA ALMA**

9 Edwin Arnold, op. cit. (NT)

10 São Paulo, Carta aos Gálatas, 5:22-23. (NT)

11 Evangelho segundo São Mateus, 19:21. (NT)

12 Ibidem, 19:22. (NT)

## *Capítulo Um*

## O CENTRO DIVINO

O segredo da vida, da vida abundante, com a sua força, a sua felicidade e a sua paz ininterrupta, reside em encontrarmos o centro divino dentro de nós e vivermos nele e dele, e não na circunferência de distúrbios exteriores – os clamores, desejos e argumentações que constituem o ser animal e intelectual. Esses elementos egoístas não passam de meras cascas da vida, e devem ser rejeitados por quem pretende penetrar no coração central das coisas – na própria vida.

Não sabermos que o nosso interior é imutável, e que desafia o tempo e a morte, é não sabermos nada, sendo o mesmo que entretermo-nos em vão com reflexos insubstanciais no espelho do tempo. Não encontrarmos dentro de nós os princípios destituídos de paixão, que não são motivados pelos conflitos e exhibições e vaidades do mundo, é o mesmo que só encontrar ilusões que se desvanecem assim que lhes tocamos.

Quando decidirmos que não estamos satisfeitos com as aparências, sombras e ilusões poderemos, graças à luz penetrante desta resolução, dispersar qualquer fantasia fugaz e entrar na substância e realidade da vida. Aprenderemos então a viver e viveremos. Não seremos escravos de nenhuma paixão, nem servos de nenhuma opinião, nem devotos de nenhum erro vão. Ao encontrar o centro divino no nosso coração, seremos puros e calmos, fortes e sábios, emanando incessantemente a vida celestial na qual vivemos – que somos nós mesmos.

Tendo-nos retirado para o refúgio divino interior e lá permanecido, estamos livres do pecado. Todos os nossos ontens são como areias intactas, lavadas pela maré; nenhum pecado se levantará contra nós para nos atormentar, acusar e destruir a nossa paz sagrada; os fogos do remorso não podem queimar-nos, nem as tempestades do arrependimento podem devastar a nossa residência. Os nossos amanhã são como sementes que hão de germinar, eclodindo em beleza e força de vida, e dúvida alguma abalará a nossa confiança, nenhuma incerteza nos roubará o repouso. O presente é nosso, vivemos apenas no presente imortal, que é como a eterna abóbada azul lá no alto que contempla silenciosa e calmamente, mas radiosa na sua luz e pureza, os rostos elevados e marcados pelas lágrimas dos séculos.

Amamos os nossos desejos, visto que a gratificação nos parece doce, mas o fim desta gratificação traduz-se em dor e vazio; amamos as argumentações do intelecto, porque o egoísmo nos parece ser o mais desejável; mas os frutos do egoísmo são a humilhação e a tristeza. Quando a alma encontrou o fim da gratificação e colheu os frutos amargos do egoísmo, está pronta para receber a sabedoria divina e entrar na vida divina. Apenas o crucificado pode ser transfigurado; apenas pela morte do eu pode o Senhor do coração elevar-se de novo na vida imortal e erguer-se radioso no monte da sabedoria.

Já passaste por provações? Todas as provações exteriores são réplicas de imperfeições interiores. Tornar--te-ás mais sábio se souberes isto, e, assim, poderás transformar as provações numa alegria ativa, encontrando o caminho da alma onde a provação não pode entrar. Quando vais aprender as tuas lições, ó filho da Terra? As tuas tristezas clamam contra ti; toda a dor não é mais do que tua justa acusadora, e os teus pesares são meras sombras do teu eu indigno e perecível.

O caminho da alma é teu: até quando vais rejeitá-lo, preferindo a atmosfera sinistra do inferno – do inferno do teu eu egoísta?

*É lá que nascem as correntes que curam*

*Saciando toda a sede! É lá que florescem as flores imortais*

*Atapetando todo o caminho com alegria! É lá que*

*abundam as horas mais rápidas e mais doces!*

Onde o eu não existe, encontra-se o jardim da vida celestial, e os filhos redimidos de Deus – os glorificados de corpo e espírito – são «comprados por um alto preço»<sup>13</sup>, e esse preço é a crucificação da personalidade, a morte do eu; e, tendo posto de parte o eu interior que é a fonte de toda a discórdia, encontram a música universal, a alegria permanente.

A vida é mais do que movimento, é música; mais do que repouso, é paz; mais do que trabalho, é dever; mais do que esforço, é amor; mais do que gozo, é bem-

aventurança; mais do que obter dinheiro, posição e reputação, é conhecimento, objetivo, determinação forte e elevada.

Se os impuros procurarem a pureza, serão puros; se os fracos recorrerem à força, serão fortes; se os ignorantes procurarem o conhecimento, serão sábios. Todas as coisas são do ser humano, e ele escolhe as que pretende ter. Atualmente, ele escolhe na ignorância; amanhã, escolherá na sabedoria. Ele «trabalhará pela sua salvação»,<sup>14</sup> quer acredite quer não, pois não pode fugir de si mesmo, nem transferir para outro a responsabilidade eterna pela sua alma. Nenhum subterfúgio teológico lhe permitirá enganar a lei do seu ser, que destruirá todos os seus expedientes egoístas e simulacros de pensamentos e ações corretas. Nem Deus fará por ele aquilo que compete à sua alma. O que diríamos de alguém que, querendo ter uma casa onde pudesse viver em paz, comprasse o terreno e depois se ajoelhasse e pedisse a Deus que lhe construísse a casa? Não diríamos que era tolo? E de outro ainda que, tendo comprado a terra, recorresse a arquitetos e construtores e carpinteiros para construir o edifício – não diríamos que era um homem sábio? E o que acontece com a construção de uma casa material também acontece na construção de uma mansão espiritual. Tijolo sobre tijolo, puro pensamento assente sobre puro pensamento, boa ação sobre boa ação, a habitação de uma vida irrepreensível deve erguer-se segura desde os alicerces até que finalmente se revela em toda a majestade das suas proporções irrepreensíveis. Não obtemos as realidades espirituais por capricho, nem como oferta, nem como favor, mas sim graças à diligência, vigilância, energia e ao esforço.

*Forte é a alma, e sábia e bela;*

*As sementes do poder divino ainda se encontram em nós;*

*Somos deuses, bardos, santos, heróis, se quisermos.*

O coração espiritual do homem é o coração do universo e, ao encontrá-lo, adquirimos a força necessária para concretizar todas as coisas. Atingimos também a sabedoria para ver as coisas como elas são. Descobrimos a paz que é divina. No centro do ser humano encontra-se a música que rege as estrelas – a harmonia eterna. Quem quer alcançar a bem-aventurança que se encontra a si

mesmo; abandone todos os desejos discordantes, todos os pensamentos dissonantes, todos os hábitos e atos desagradáveis, e então colherá a graça e beleza e harmonia que constituem a essência indestrutível do seu próprio ser.

Corremos de crença em crença e encontramos – desassossego; percorremos muitos países e descobrimos – desilusão; construímos belas mansões e plantamos agradáveis jardins, e colhemos – tédio e desconforto. Apenas quando regressamos à verdade dentro de nós mesmos é que encontramos repouso e satisfação; só quando construímos dentro de nós a mansão do comportamento irrepreensível é que obtemos a alegria infinita e incorruptível, e, então, transmitimo-la a tudo o que temos e fazemos.

Quem deseja ter paz deve exercer o espírito da paz; se pretende encontrar o amor, apenas tem de viver no espírito do amor; se quer escapar ao sofrimento, deixe de o infligir; se quer praticar atos nobres pela Humanidade, pare com os atos ignóbeis contra si mesmo. Basta dar-se ao trabalho de explorar a mina da sua alma e terá todos os materiais para construir o que bem entender, e é também aí que há de encontrar a rocha central sobre a qual poderá construir em segurança.

Seja o que for que façamos, o mundo só ficará corrigido quando nos tivermos corrigido a nós. Isto pode e deve ser escrito no coração como um axioma matemático. Não basta pregar a pureza, temos de abandonar a luxúria; para apelar ao amor, temos de afastar o ódio; para exaltar o autossacrifício, devemos renunciar ao eu; para enfeitar com meras palavras a vida perfeita, temos de ser perfeitos.

Quando já não suportamos o peso dos muitos pecados, devemos procurar Cristo, cujo trono é o centro do nosso coração: recuperaremos assim a boa disposição e conheceremos a alegre companhia dos imortais.

Quando já não aguentamos o fardo de tudo o que aprendemos, devemos deixar os nossos livros, a nossa ciência, a nossa filosofia, e regressar a nós mesmos: encontraremos então no nosso interior aquilo que procurávamos no exterior e não encontrávamos – a nossa divindade.

Quem encontrou Deus dentro de si deixa de discutir sobre Deus. Apoiando-nos nessa força tranquila que não é a força do eu, vivemos Deus, manifestando na nossa vida quotidiana a bondade suprema, que é a vida eterna.

13 São Paulo, primeira Carta aos Coríntios, 6:20. (NT)

14 São Paulo, Carta aos Filipenses, 2:12. (NT)

## *Capítulo Dois*

## O ETERNO AGORA

O agora é a nossa realidade, na qual o tempo se encontra contido. É mais do que o tempo e maior do que ele; é uma realidade sempre presente. Não conhece passado nem futuro, e a sua força e substância são eternas. Cada minuto, cada dia, cada ano é um sonho assim que passa, e existe apenas como uma imagem imperfeita e insubstancial na memória, se não for completamente apagado.

Passado e futuro são sonhos; o agora é uma realidade. Todas as coisas são agora; todo o poder, toda a possibilidade, toda a ação é agora. Não agir e concretizar agora é não agir e concretizar de todo. Viver a pensar no que poderíamos ter feito ou a sonhar com o que poderemos fazer é uma loucura: pôr de lado o arrependimento, não depender da expectativa, e fazer e agir agora, isto, sim, é sabedoria.

Enquanto pensamos no passado ou no futuro, estamos a perder o presente; a esquecer-nos de viver agora. Tudo é possível agora e apenas agora. Sem sabedoria que nos oriente, e confundindo o irreal com o real, dizemos: «Se eu tivesse feito isto e aquilo na semana passada, no mês passado ou no ano passado, estaria melhor comigo hoje»; ou, «Eu sei o que é melhor, e hei de fazê-lo amanhã.» O egoísta não pode compreender a imensa importância e o valor do presente, e não o vê como a realidade substancial da qual o passado e o futuro são reflexos vazios. Pode-se verdadeiramente dizer que o passado e o futuro não existem senão como sombras negativas, pelo que viver neles – isto é, na contemplação arrependida e egoísta dos mesmos – é perder a realidade da vida.

*O presente, o presente é tudo o que tu*

*Tens de certo;*

*Como o anjo do patriarca, segura-o firme,*

*Até que te dê a sua bênção.*

*Tudo o que é real agora permanece,*

*E nunca se desvanece:*

*A mão que o detém agora sustenta*

*A alma para sempre.*

*Então, pelo que será e pelo que está feito,*

*Porque perguntas tu?*

*O passado e o tempo de ser são um,*

*E ambos são agora!<sup>15</sup>*

Nós detemos todo o poder agora, mas, sem este conhecimento, afirmamos: «Serei perfeito para o ano, ou dentro de tantos anos, ou de tantas vidas.» Os que percorrem o caminho da alma, que vivem apenas no agora, dizem: «Sou perfeito agora», e, abstendo-se de todo o pecado agora, e guardando incessantemente os portais da mente, não olhando para o passado nem para o futuro, nem se voltando para a esquerda nem para a direita, mantêm-se eternamente santos e abençoados. «É este o tempo favorável; é este o dia da salvação.»<sup>16</sup>

Se dissermos a nós mesmos: «Vou viver no meu ideal agora; vou manifestar o meu ideal agora; vou ser o meu ideal agora; e não darei ouvidos a nada que me afaste do meu ideal; apenas darei ouvidos à voz do meu ideal.» Se assim decidirmos e assim fizermos, não nos afastaremos do Altíssimo, e manifestaremos eternamente o verdadeiro.

*A pé e animado, faço-me à estrada aberta.*

*Doravante, não peço boa sorte: eu mesmo sou boa sorte.*

*Doravante, não choramingo, não adio, não preciso de*

*nada;*

*Acabaram-se as reclamações interiores, bibliotecas,*

*críticas lamurientas.*

*Forte e satisfeito, faço-me à estrada aberta.*

Devemos abandonar os caminhos de dependência, todos os caminhos sinuosos que atraem a nossa alma para as terras sombrias do passado e do futuro, e manifestar a nossa força nativa e divina agora. Procuremos a «estrada aberta». Aquilo que poderíamos e esperamos ser, podemos sê-lo agora. A não concretização reside no nosso adiamento perpétuo e, tendo o poder de adiar, também temos o poder de concretizar – de concretizar perpetuamente: se entendermos esta verdade, seremos hoje, e todos os dias, o ser ideal com que sonhámos.

A virtude consiste em combater o pecado dia após dia, mas a santidade implica deixar que o pecado, despercebido e ignorado, morra à beira do caminho; e isto é feito, só pode ser, se vivermos o agora. Não devemos dizer à alma: «Serás mais pura amanhã»; digamos antes: «Serás pura agora.» Amanhã é tarde demais seja para o que for, e quem vê ajuda e salvação no amanhã há de falhar e cair continuamente hoje.

Caímos ontem? Pecámos gravemente? Senhores desta perceção, deixemo-la de parte, de imediato e para sempre, e façamos por não pecar agora. Enquanto lamentamos o passado, os portões da nossa alma ficam desprotegidos contra a entrada do pecado agora. Não nos conseguiremos erguer ao lamentar o passado irremediável, mas sim ao remediar o presente.

O tolo que prefere o caminho pantanoso do adiamento à firme estrada do esforço presente diz: «Vou levantar-me cedo amanhã, vou saldar a minha dívida amanhã, vou concretizar as intenções amanhã.» Mas o sábio, ciente da suprema importância do eterno agora, levanta-se cedo hoje; evita as dívidas hoje; concretiza as intenções hoje; assim, jamais perde a força e a paz e nunca deixa nada por concretizar.

O que é feito agora permanece; aquilo que fica para amanhã não se manifesta. É

uma questão de sabedoria esquecer o que está por vir e dar atenção ao que é, fazendo-o com empenho de alma e concentração de esforço que não deixem brechas possíveis para que o arrependimento se infiltre.

Se a nossa compreensão espiritual é obscurecida pelas ilusões do eu, dizemos: «Nasci no dia tal, há tantos anos, e hei de morrer na ocasião que me foi designada.» Mas não nascemos, nem havemos de morrer: como pode o que é imortal, que eternamente é, estar sujeito ao nascimento e à morte? Se nos livrarmos das ilusões, então, veremos que o nascimento e a morte do corpo são meros incidentes de uma jornada, e não o seu começo e fim.

Ao olhar retrospectivamente para começos felizes, e em frente para finais tristes, os nossos olhos estão cegos, pelo que não vemos a nossa imortalidade; os nossos ouvidos estão fechados, pelo que não ouvimos as harmonias sempre presentes da alegria; e o nosso coração está endurecido, pelo que não bate ao ritmo da paz.

O universo, com tudo o que contém, é agora. Estendamos a mão, seres humanos que somos, e saibamos receber os frutos da sabedoria! Deixemos ir os esforços gananciosos, os pesares egoístas, os arrependimentos tolos, e contentemo-nos em viver.

Se agirmos agora – todas as coisas serão feitas; se vivermos agora – daremos por nós rodeados da abundância; se soubermos ser agora, saberemos que somos perfeitos.

[15 Excertos de «My Soul and I», de John Greenleaf Whittier. \(NT\)](#)

[16 Segunda Carta de São Paulo aos Coríntios, 6:2. \(NT\)](#)

## *Capítulo Três*

## A «SIMPLICIDADE ORIGINAL»

A vida é simples. Ser é simples. O universo é simples. A complexidade advém da ignorância e da auto- ilusão. A «simplicidade original» de Lao-Tsé é um termo que se refere ao universo tal como ele é, e não como aparenta ser. Ao olhar através da rede complexa das nossas ilusões, vemos complicações intermináveis e mistérios insondáveis, perdendo-nos nos labirintos criados por nós. Se pusermos de parte o egoísmo, veremos o universo em toda a beleza da sua simplicidade imaculada. Se aniquilarmos a ilusão do «eu» pessoal, destruiremos as ilusões que emanam desse mesmo «eu». Assim, ele «voltará a ser uma criança» e «regressará à simplicidade original»<sup>17</sup>.

Quando conseguimos esquecer por completo (aniquilar) o eu pessoal, tornamo-nos um espelho no qual a realidade universal se reflete sem falhas. Despertos, vivemos doravante não em sonhos, mas em realidades.

Pitágoras via o universo nos dez números, mas até esta simplicidade pode ser mais reduzida, encontrando-se o universo, em última instância, contido no número

um

, dado que todos os numerais e as suas infinitas complicações não passam de adições do Um.

Se a vida deixar de ser vivida como algo fragmentário e for vivida como um todo perfeito, a simplicidade do perfeito será então revelada. Como é que o fragmento pode compreender o todo? Contudo, quão simples é que o todo compreenda o fragmento. Como pode o pecado aperceber-se da santidade? Não obstante, é tão óbvio que a santidade compreenda o pecado. Quem pode vir a ser maior abandone o menor. O círculo não se encontra contido em nenhuma forma, mas todas as formas estão contidas no círculo. Em cor nenhuma se encontra aprisionada a luz radiosa, mas é na luz radiosa que todas as cores estão incorporadas. Se destruímos todas as formas do eu, seremos capazes de apreender o círculo da perfeição; se mergulharmos nas profundezas silenciosas do nosso ser, nas cores variáveis dos nossos pensamentos e desejos, seremos

iluminados pela luz branca do conhecimento divino. Uma nota isolada, embora esquecida, encontra-se indispensavelmente contida no acorde perfeito da música, e a gota de água adquire uma utilidade suprema ao perder-se no oceano. Se nos afundarmos compassivamente no coração da Humanidade, seremos capazes de reproduzir as harmonias do Céu; se nos perdermos no amor ilimitado para com todos, criaremos obras perenes e seremos unos com o eterno oceano da felicidade.

O ser humano evolui para a periferia da complexidade, e depois retrocede para a simplicidade central. Quando descobre que lhe é matematicamente impossível conhecer o universo antes de se conhecer a si mesmo, ele inicia o caminho que o conduz à simplicidade original. Começa a desvendar-se a partir de dentro e, ao fazê-lo, envolve o universo.

Se deixarmos de especular a respeito de Deus e encontrarmos o bem que tudo abarca dentro de nós, veremos o vazio e a futilidade da especulação, cientes de que somos unos com Deus.

Aquele que não deixa ir a luxúria secreta, a cobiça, a ira, a opinião sobre isto ou aquilo, não pode ver nem saber nada; continuará a ser um idiota na escola da sabedoria, embora possa ser considerado um erudito nas universidades.

Quem pretender encontrar a chave do conhecimento, que se encontre a si mesmo. Não somos os nossos pecados; eles não são uma parte de nós: são doenças que passámos a amar. Se não nos agarrarmos a eles, eles deixarão de se agarrar a nós. Se os deixarmos ir, o nosso eu será revelado. Então, passaremos a conhecermo-nos como visão abrangente, princípio invencível, vida imortal e bem eterno.

O ser humano impuro acredita que a impureza é a sua condição legítima, mas aquele que é puro conhece-se a si mesmo como ser puro; além disso, ao penetrar os véus, vê os outros como seres puros. A pureza é simples e não precisa de argumentos que a suportem; a impureza é interminavelmente complexa e está sempre envolvida em argumentos defensivos. A verdade vive-se a si mesma. Uma vida livre de culpas é a única testemunha da verdade. O ser humano não consegue ver e não aceita a testemunha enquanto não a encontrar dentro de si; e, localizando-a, assume o silêncio perante os seus iguais. A verdade é tão simples que não pode ser encontrada no domínio do argumento e da propaganda, e é tão silenciosa que apenas se manifesta em ações.

A simplicidade original é tão extremamente simples que se torna necessário deixar ir tudo antes que a possamos apreender. Um grande arco é forte graças ao vazio que lhe é subjacente, e um indivíduo sábio torna-se forte e invencível ao esvaziar-se.

Docilidade, paciência, amor, compaixão e sabedoria – são estas as qualidades dominantes da simplicidade original; como tal, o imperfeito não a entende. A sabedoria apenas pode apreender sabedoria, pelo que o tolo diz: «Nenhum homem é sábio.» O indivíduo imperfeito afirma: «Ninguém pode ser perfeito» e, assim, deixa-se ficar onde está. Ainda que passe a vida com um homem perfeito, não será capaz de lhe ver a perfeição. Há de chamar cobardia à docilidade; a paciência, o amor e a compaixão serão por ele vistos como fraqueza; e a sabedoria apenas lhe parecerá loucura. O discernimento irrepreensível pertence ao todo perfeito e não reside em parte nenhuma, pelo que o ser humano é instado a abster-se de julgar até que ele mesmo tenha manifestado a vida perfeita.

Ao chegarmos à simplicidade original, a opacidade desaparece e a transparência universal torna-se aparente. Aquele que encontrou a realidade interior do seu próprio ser, encontrou a realidade original e universal.

Conhecendo o coração divino interior, todos os corações são conhecidos, e os pensamentos dos homens tornam-se daquele que se converteu em mestre dos próprios pensamentos; assim, o homem bom não se defende, mas molda a mente dos outros à sua imagem.

Assim como o problemático transcende a crueza, também a bondade pura transcende o problemático. Os problemas desaparecem quando se atinge a bondade pura; por isso, o homem bom é chamado «matador de ilusões». Que problema pode atormentar onde não há pecado? Ó tu, que lutas ruidosamente e não descansas! Retira-te para o silêncio sagrado do teu ser, e vive a partir daí. Assim, encontrando a bondade pura, rasgarás ao meio o véu do templo da ilusão e entrarás na paciência, na paz e na glória transcendente do perfeito, pois a bondade pura e a simplicidade original são uma só.

[17 Excerto do Tao Te King, Lao-Tsé. \(NT\)](#)

## *Capítulo Quatro*

## A SABEDORIA INFALÍVEL

Devemos ser superiores aos nossos bens, ao corpo, às circunstâncias, à envolvente, à opinião dos outros e à atitude deles para conosco. Enquanto isso não acontecer, não seremos fortes nem firmes. Devemos também elevar-nos acima dos nossos desejos e opiniões; enquanto não o fizermos, não seremos sábios.

Quem se identifica com os seus bens sentirá que tudo está perdido quando estes estão perdidos; quem se considera o resultado e o instrumento das circunstâncias vacilará debilmente com cada alteração nas suas condições externas, e grande será o desassossego e a dor daquele que procura apoio na aprovação dos outros.

Desapegarmo-nos das coisas exteriores e procurarmos a segurança na virtude interior, esta, sim, é a sabedoria infalível. Quem possui esta sabedoria será sempre o mesmo, tanto na riqueza como na pobreza. A primeira não lhe pode aumentar a força, nem a segunda privá-lo da serenidade. A riqueza não pode contaminar aquele que se purificou da contaminação interior, e a falta dela não consegue degradar aquele que deixou de degradar o templo da sua alma.

Recusar a escravidão de toda e qualquer coisa ou acontecimento exterior, encarando esses acontecimentos e coisas como destinados ao nosso uso, à nossa educação, isto, sim, é sabedoria. Para os sábios, todas as ocorrências são boas e, sem olhos para o mal, eles tornam-se mais sábios a cada dia que passa. Têm uso para todas as coisas e, assim, têm-nas a seus pés. Veem os erros logo que são cometidos, e aceitam-nos como lições de valor intrínseco, cientes de que não existem erros na ordem divina. Portanto, depressa se aproximam da perfeição divina. Ninguém os convence, mas aprendem com todos. Não anseiam pelo amor de ninguém, mas dão amor a todos. Aprender e não nos deixarmos abalar, amar onde não somos amados: aqui reside a força que nunca nos abandonará. Quem diz no coração: «Ensinarei todos os homens e aprenderei com nenhum», não há de ensinar nem aprender enquanto permanecer neste estado de espírito, mantendo-se na insensatez.

Toda a força, sabedoria, poder e conhecimento, podemos encontrá-los dentro de nós, mas não no egoísmo: apenas na obediência, na submissão e na

disponibilidade para aprender. Devemos obedecer ao superior e não procurar a glória no inferior. Aquele que se apoia no egoísmo, recusando a repreensão, a instrução e as lições da experiência, tem a queda garantida; sim, ele já caiu. Um grande mestre disse aos discípulos: «Aqueles que são a luz de si mesmos, confiando apenas em si e não em qualquer ajuda externa, agarrando-se à verdade como a sua luz, e procurando a salvação somente na verdade, não procurarão ajuda senão em si mesmos; entre os meus discípulos, serão esses que alcançarão as maiores alturas! Mas devem estar dispostos a aprender.»<sup>18</sup> O sábio está sempre desejoso de aprender, mas nunca desejoso de ensinar, pois sabe que o verdadeiro mestre se encontra no coração de todos nós, e é lá que deve por fim ser encontrado por todos. O insensato, sendo em grande parte regido pela vaidade, tem um grande desejo de ensinar, mas não está disposto a aprender, não tendo encontrado dentro de si o mestre sagrado que transmite a sabedoria à alma que sabe escutar com humildade. Sejamos autoconfiantes, mas que a autoconfiança seja virtuosa e não egoísta.

A insensatez, a sabedoria, a fraqueza e a força residem dentro de nós, e não em algo externo, tão-pouco brotam de qualquer causa exterior. Cada um de nós não pode ser forte por outro – apenas pode ser forte por si; não pode triunfar por outro, só por si. Podemos aprender graças a outros, mas devemos concretizar por nós mesmos. Ponhamos de parte os adereços externos e confiemos na verdade que temos dentro de nós. Uma crença não nos sustenta na hora da tentação: temos de possuir o conhecimento interior que aniquila a tentação. Uma filosofia especulativa revela-se vaga em tempos de calamidade; precisamos de ter a sabedoria interior que põe fim à tristeza.

A bondade, objetivo de todas as religiões, não é o mesmo que as religiões em si. A sabedoria, propósito de todas as filosofias, não é o mesmo que todas as filosofias. A sabedoria infalível apenas pode ser encontrada pela prática constante do pensamento puro e do bem-fazer, através da harmonia da mente e do coração com tudo o que é belo, encantador e verdadeiro.

Seja qual for a nossa condição, podemos encontrar o verdadeiro, mas apenas se utilizarmos a nossa condição atual para nos tornarmos fortes e sábios. O desejo frágil de recompensas e o receio cobarde da punição devem ser rejeitados para sempre; entreguemo-nos com alegria ao desempenho fiel dos deveres, esquecendo-nos de nós e dos prazeres inúteis, vivendo com pureza, força e contenção; deste modo, encontraremos certamente a sabedoria infalível, a paciência divina e a força. «O homem nunca se encontrou numa situação que

não tivesse o seu dever, o seu ideal... Aqui ou em lado nenhum está o teu ideal. Trabalha com base nesta premissa e, trabalhando, acredita, vive, sê livre. O ideal está em ti, o impedimento também: a tua condição não é mais do que o material do qual deves formar esse ideal. O que importa se for deste ou daquele género, se a forma que lhe dás é heroica ou poética? Oh, tu que anseias no cárcere do real, e clamas amargamente aos deuses por um reino divino onde possas governar e criar, fica sabendo: aquilo que procuras já existe dentro de ti, aqui e agora, fosses tu capaz de o ver!»<sup>19</sup>

Tudo o que é belo e abençoado existe em nós, não na riqueza do próximo. Somos pobres? Somos realmente pobres se não formos mais fortes do que a nossa pobreza! Passámos por calamidades? Bem, podemos sanar a calamidade se lhe acrescentarmos a ansiedade? Podemos consertar um vaso quebrado se chorarmos por ele? Ou recuperar um prazer perdido com lamentações? Não existe mal que não desapareça se o soubermos enfrentar com sabedoria. A alma divina não lamenta aquilo que foi, é ou será, antes procura perpetuamente o bem divino e encontra sabedoria no que acontece.

O medo é a sombra do egoísmo, e não pode viver onde existe a sabedoria do amor. Dúvida, ansiedade e preocupação são sombras insubstanciais no mundo inferior do eu, e não voltarão a importunar aquele que escala as serenas altitudes da sua alma. Também o sofrimento será para sempre dissipado por quem compreender a lei do seu ser. Aquele que a compreende encontra a lei suprema da vida e descobre que esta é o amor, o amor imperecível. Ele tornar-se-á uno com este amor e, ao amar tudo, com mente livre do ódio e da insensatez, receberá a proteção invencível que o amor proporciona. Sem nada exigir, não sofrerá qualquer perda; sem procurar o prazer, não encontrará dor; e se usar os poderes como instrumentos de serviço, viverá para sempre no mais elevado estado de felicidade e bem-aventurança.

Atenta no que te digo: tu fazes e desfazes-te a ti mesmo; ergues-te e caís em virtude do que és.

És escravo se preferes sê-lo; és senhor se te tornares um. Se constróis sobre os teus desejos animais e opiniões intelectuais, constróis sobre areia; se construíres sobre a virtude e a santidade, nem vento nem maré abalarão a tua forte morada. Como tal, a sabedoria infalível há de ser o teu apoio em qualquer emergência, e os braços eternos hão de levar-te à paz.

*Acumula a cada ano a Tua colheita de bem-fazer,  
riqueza que nem reis  
Nem ladrões podem tirar. Quando todas as coisas a que  
chamas tuas, bens, prazeres, honras caem,  
Tu, na tua virtude, sobreviver-lhes-ás a todas.<sup>20</sup>*

[18 Excerto de Evangelho de Buda, de Paul Carus. \(NT\)](#)

[19 Excerto de Sartor Resartus, de Thomas Carlyle. \(NT\)](#)

[20 Excerto do Mahabharata, numa tradução de John Greenleaf Whittier. \(NT\)](#)

## *Capítulo Cinco*

## O PODER DA HUMILDADE

A montanha não se verga à mais violenta das tempestades, antes protege o passarinho e o cordeiro; e, embora todos os homens a pisem, não deixa de os proteger e sustentar no seu seio imperecível.

O mesmo acontece com o humilde, que, apesar de não se deixar abalar nem perturbar por ninguém, compassivamente se verga para proteger a criatura mais inferior e, mesmo que seja desprezado, ajuda os homens a erguer-se e protege-os com amor.

Tão glorioso como a montanha no seu silêncio é o homem divino na sua humildade silenciosa; à semelhança da forma da primeira, o seu amor é imenso e sublime. O seu corpo, como a base da montanha, encontra-se fixo nos vales e nas brumas; mas o cume do seu ser é eternamente banhado numa glória sem nuvens e vive entre os silêncios.

Aquele que encontrou a humildade, encontrou a divindade; apercebeu-se da consciência divina e sabe que é divino. Sabe também que os outros são divinos, embora eles não o saibam, pois ainda dormem ou sonham. A humildade é uma qualidade divina e, por isso, todo-poderosa. O humilde triunfa ao não resistir e, permitindo a derrota, alcança a conquista suprema.

O que conquista outro pela força é forte; aquele que se conquista a si mesmo pela humildade é poderoso. Quem conquista outro pela força será também ele conquistado; o que se conquista a si mesmo pela humildade nunca será derrubado, porque o humano não pode vencer o divino. O humilde triunfa na derrota. Sócrates torna-se mais vivo quando é condenado à morte; em Jesus crucificado, o Cristo ressuscitado é revelado, e Estêvão, ao ser apedrejado, desafia o poder agressor das pedras. O que é real não pode ser destruído – apenas aquilo que é irreal. Quando encontramos dentro de nós o que é real, constante, permanente, imutável e eterno, entramos nessa realidade e tornamo-nos humildes. Todos os poderes das trevas poderão virar-se contra nós, mas não nos farão mal e, por fim, hão de afastar-se.

O humilde pode ser encontrado nas provações: quando os outros homens caem,

ele mantém-se de pé. A sua paciência não é destruída pelas paixões tolas dos outros, e quando se viram contra ele, ele não «discutirá nem bradará»<sup>21</sup>. Conhece a absoluta impotência de todo o mal, tendo-o superado em si mesmo, e vive na força e no poder imutáveis do bem divino.

A humildade é um aspeto do funcionamento do amor imutável que reside no coração de todas as coisas e, como tal, é uma qualidade imperecível. Aquele que nela vive desconhece o medo, conhecendo o Altíssimo e tendo o inferior a seus pés.

O humilde brilha nas trevas e floresce na obscuridade. A humildade não se orgulha, nem se publicita, nem aprecia a popularidade. É praticada e pode ou não ser vista: sendo uma qualidade espiritual, apenas é percebida pelo olho do espírito. Quem não se encontra espiritualmente desperto não a vê, nem a ama, dado que está apaixonado e cego por exibições e aparências mundanas. A história não regista o homem humilde: atribui a sua glória à disputa e ao autoengrandecimento; a glória do humilde reside na paz e na docilidade. A história narra os atos terrenos e não os celestes. No entanto, embora viva na obscuridade, o humilde não pode ser ocultado (como ocultar a luz?): continua a brilhar depois de se retirar do mundo e é venerado pelo mundo que não o conheceu.

O humilde não atribui importância ao facto de ser negligenciado, maltratado ou mal interpretado. Como tal, não pensa nisso nem lhe oferece resistência. Sabe que todas estas armas não passam de sombras frágeis e ineficazes. Assim sendo, a quem o presenteia com o mal, ele oferece o bem; não resiste a ninguém e, assim, a todos conquista.

Quem imagina que pode ser ferido pelos outros e procura justificar-se e defender-se deles não compreende a humildade, não percebe a essência e o sentido da vida. «Ele maltratou-me, espancou-me, derrotou-me, roubou-me... Naqueles que alimentam tais pensamentos, o ódio nunca cessará... porque o ódio não cessa com o ódio em tempo algum; o ódio cessa com o amor.»<sup>22</sup> Dizes que o teu próximo te difamou? Muito bem, e daí? Pode uma falsidade lesar-te? Aquilo que é falso é falso, e tem um fim. Não tem vida, nem poder para ferir senão aquele que procura ferir por seu intermédio. Em nada te prejudica que o teu próximo te difame, mas prejudica-te bastante que lhe tentes resistir e justificar-te, porque, ao fazê-lo, dás vida à falsidade do teu próximo, pelo que te feres e afliges. Retira todo o mal do coração e então verás a insensatez de resistir a esse

mal nos outros. Serás pisado? Já o és se pensas assim. O dano que vês como vindo dos outros só vem de ti. O pensamento, palavra ou ato errado de outro não têm poder para te ferir, a menos que lhes dês vida com a resistência impulsiva e assim os recebas em ti. Se alguém me difama, é um problema dele, não meu. A minha alma diz-me respeito, não a do meu próximo. Embora todo o mundo me interprete mal, tal não é da minha conta; mas que a minha alma exista em pureza e amor, isso, sim, é totalmente da minha conta. Os conflitos não terão fim enquanto os seres humanos não deixarem de se justificar. Quem pretende que as guerras acabem, ele que deixe de defender qualquer facção – deixe de se defender. A paz não pode surgir por meio do conflito, mas sim pela sua cessação. A glória de César reside na resistência dos inimigos. Eles resistem e caem. Se dermos a César o que César exige, a glória e o poder de César acabam-se. Assim, é pela submissão que o humilde conquista o forte: mas a demonstração exterior de submissão não é a escravidão – a submissão interior e espiritual é que é a liberdade.

Sem reclamar direitos, o humilde não se preocupa com a autodefesa e autojustificação: ele vive em amor, encontrando-se sob a proteção imediata e vital do grande amor que é a lei eterna do universo. Não reclama nem procura o que é seu; deste modo, todas as coisas vêm ter com ele e todo o universo o protege.

Aquele que diz: «tentei a humildade, mas não resultou» não tentou a humildade. Ela não pode ser tentada como experiência. Só é alcançada por meio de um autossacrifício sem reservas. A humildade não consiste meramente na não resistência em atos; consiste, preeminentemente, na não resistência em pensamentos, em deixar de ter pensamentos egoístas, condenatórios ou retaliatórios. Como tal, o humilde não pode «ficar ofendido» nem ter «sentimentos feridos», pois vive acima do ódio, da insensatez e da vaidade. A humildade nunca nos deixa ficar mal.

Tu que procuras a vida celestial! Empenha-te na humildade; aumenta a paciência e indulgência dia após dia; pede à tua língua que se abstenha de palavras duras; afasta a mente dos argumentos egoístas e recusa-te a cismar nos erros: se seguires estes preceitos, cultivarás cuidadosamente a flor pura e delicada da humildade no teu coração, até que, por fim, a sua divina doçura, pureza e bela perfeição te serão reveladas, tornando-te amável, alegre e forte. Não te lamentes porque estás cercado de pessoas iradas e egoístas; antes, regozija por te saberes tão favorecido que te são reveladas as imperfeições, e porque te encontras em

posição de exigir no teu interior uma luta constante pelo autodomínio e pela obtenção da perfeição. Quanto maiores a dureza e o egoísmo que te rodeiam, maior a necessidade da tua humildade e do teu amor. Se os outros procuram enganar-te, mais premente é que te abstenhas do que é errado e vivas em amor; se os outros pregam a humildade e o amor, e não os praticam, não te preocupes nem te deixes perturbar; mas, no silêncio do coração e no teu contacto com os outros, pratica estas coisas, e elas pregar-se-ão a si mesmas. Embora não faças discursos nem te presentes diante de qualquer assistência, ensinarás o mundo inteiro. Ao tornares-te humilde, aprenderás os segredos mais profundos do universo. Nada é escondido àquele que se supera. Hás de penetrar na causa das causas e, ao levatares, um após o outro, os véus de ilusão, alcançarás finalmente o mais íntimo coração do ser. Tornando-te uno com a vida, ficarás a conhecê-la, e, ao veres as causas e conheceres as realidades, deixarás de te inquietar contigo, com os outros e o mundo: antes verás que todas as coisas que são, são motores da grande lei. Envolto pela brandura, hás de abençoar onde os outros amaldiçoam; amar onde os outros odeiam; perdoar onde os outros condenam; ceder onde os outros resistem; deixar ir onde os outros se apegam; perder onde os outros ganham. E na sua força eles serão fracos; e na tua fraqueza serás forte; sim, prevalecerás incontestado. Aquele que não possui uma humildade inquebrantável não possui a verdade:

*Como tal, quando o Céu pretende salvar o homem, recorre à brandura para o proteger.<sup>23</sup>*

[21 Evangelho segundo São Mateus, 12:19. \(NT\)](#)

[22 Excerto do Dhammapada – as palavras de Buda. \(NT\)](#)

[23 Excerto do cap. 67 do Tao Te King, de Lao-Tsé. \(NT\)](#)

## *Capítulo Seis*

## O HOMEM ÍNTEGRO

O homem íntegro é invencível. Nenhum inimigo o pode vencer ou confundir; ele não precisa de outra proteção além da própria integridade e santidade.

Assim como é impossível que o mal triunfe sobre o bem, o homem íntegro nunca pode ser humilhado pelos que o não são. Calúnia, inveja, ódio, malícia, nunca podem atingi-lo, nem causar-lhe sofrimento, e aqueles que tentam prejudicá-lo apenas conseguem, em última análise, chamar a desonra a si mesmos.

Visto que nada tem a esconder, não comete atos furtivos e não encobre pensamentos e desejos que não pretende que os outros conheçam, quem é íntegro é também destemido e desconhece a vergonha. Os seus passos são firmes, o seu porte é reto e o discurso direto, sem ambiguidades. Ele encara-os a todos. Aquele que não procede mal pode temer alguém? Quem não engana ninguém pode ter motivo para se envergonhar? Como nunca pratica a injustiça, nunca pode ser injustiçado; como não engana ninguém, jamais poderá ser enganado.

O homem íntegro, cumprindo os deveres com escrupulosa diligência e vivendo acima do pecado, é invulnerável em todos os aspetos. Aquele que matou em si os inimigos da virtude nunca poderá ser abatido por qualquer inimigo exterior; tão-pouco precisa de procurar proteção, sendo a sua integridade mais do que suficiente.

Quem não é íntegro torna-se vulnerável em quase todos os aspetos: ao viver nas suas paixões, escravo de preconceitos, impulsos e opiniões malformadas, sofre continuamente (assim o imagina) às mãos dos outros. Calúnias, ataques e acusações de terceiros causam-lhe grande sofrimento porque encontram nele uma base de verdade; não tendo a proteção da integridade, faz por se justificar e proteger, recorrendo à retaliação e ao argumento capcioso, e até a logros e subterfúgios.

Quem é parcialmente íntegro mostra-se vulnerável em todos os aspetos nos quais fica aquém da integridade; se o íntegro vacilar na integridade e ceder a um

pecado, a invencibilidade está perdida, porque se colocou numa posição onde o ataque e a acusação podem justamente alcançá-lo e feri-lo, porque ele foi o primeiro a ferir-se.

Se alguém sofre ou é lesado por intermédio de outros, ele que olhe para si mesmo e, pondo de parte a autopiedade e a autodefesa, encontrará no coração a origem de toda a desgraça.

Nenhum mal pode advir ao ser íntegro que eliminou a fonte do mal em si mesmo; se viver no bem e se não pecar em pensamentos, palavras e atos, tudo o que lhe possa acontecer é bom. Nenhum acontecimento, pessoa ou circunstância pode causar-lhe sofrimento, porque a tirania das circunstâncias não existe para o que rompeu os elos do pecado.

Aqueles que sofrem e que penam, os exaustos e abatidos pela dor, procuram refúgio onde não exista sofrimento, um refúgio de paz perpétua. Eles que procurem o refúgio da vida íntegra; avancem agora e entrem no refúgio dos isentos de pecado, porque a mágoa não pode vencer os íntegros; o sofrimento não pode alcançar aquele que não desperdiça a substância espiritual no egoísmo; e aquele cujo coração se encontra em paz não pode ser afligido pelo cansaço e pela inquietação.

## *Capítulo Sete*

## AMOR PERFEITO

Os filhos da luz, que estão no caminho da alma, veem o universo e tudo o que ele contém como a manifestação de uma lei – a lei do amor. Veem o amor como o poder que molda, sustenta, protege e aperfeiçoa, imanente a todas as coisas animadas e inanimadas. Para eles, o amor não é só e apenas uma regra de vida – é a lei da vida, é a própria vida. Cientes disto, ordenam a vida de acordo com o amor e não segundo a sua personalidade. Praticando assim a obediência ao Altíssimo, ao amor divino, tornam-se participantes conscientes do poder do amor e alcançam a liberdade perfeita como senhores do destino.

O universo está protegido porque o amor se encontra no seu coração. O amor é o único poder que protege. Enquanto o ódio vive no nosso coração, imaginamos que a lei é cruel, mas quando o coração é suavizado pela compaixão e pelo amor, percebemos que a lei é a bondade infinita. A lei é tão generosa que nos protege da ignorância; nos esforços insignificantes para a subverter, atribuindo uma importância indevida à nossa ínfima personalidade, chamamos a nós tanto sofrimento que, sendo tão grande a nossa aflição, por fim nos vemos forçados a procurar a sabedoria. Ao encontrá-la, descobrimos o amor e reconhecemo-lo como a lei do nosso ser: a lei do universo. O amor não castiga; nós castigamo-nos por intermédio do nosso ódio; porque insistimos em proteger o mal que não tem vida própria com que se proteger; e porque tentamos subverter o amor, que não pode ser vencido nem destruído, pois é feito da mesma substância que a vida. Quando nos queimamos, acusamos o fogo? Assim, quando sofremos, devemos procurar alguma ignorância ou desobediência dentro de nós mesmos.

O amor é a harmonia perfeita, pura felicidade, e não contém, como tal, elementos de sofrimento. Se não tivermos qualquer pensamento e não praticarmos nenhum ato que não esteja de acordo com o amor puro, o sofrimento não voltará a importunar-nos. Se quisermos conhecer o amor e participar da sua felicidade imortal, devemos praticá-lo no coração: devemos tornar-nos amor.

Aquele que age sempre com um espírito de amor jamais é abandonado, nunca é deixado num dilema ou numa dificuldade, porque o amor (o amor impessoal) é conhecimento e poder. Quem aprendeu a amar, aprendeu a dominar as dificuldades, a transformar os fracassos em sucessos, a cobrir os acontecimentos

e condições com roupagens de beleza e bem-aventurança.

O caminho para o amor é o autodomínio e, ao segui-lo, crescemos em conhecimento à medida que avançamos. Chegados ao amor, entramos em plena posse do corpo e da mente, pelo direito do poder divino que fizemos por merecer.

«O perfeito amor expulsa o medo.»<sup>24</sup> Conhecer o amor é saber que não existe nenhum poder prejudicial no universo. Até o pecado, que os mundanos e incrédulos imaginam ser invencível, é algo de muito débil e perecível, que se afasta e desaparece perante o poder irresistível do bem. O amor perfeito é a inocuidade perfeita. E aquele que destruiu em si todos os pensamentos prejudiciais e todos os desejos de prejudicar recebe a proteção universal e sabe que é invencível.

O amor perfeito é a paciência perfeita. A ira e a irritabilidade não podem habitar com ele nem sequer aproximar-se. Ele adoça qualquer ocasião amarga com o perfume da santidade e transforma a provação em força divina. A queixa é-lhe estranha. Aquele que ama não lamenta nada, antes aceita as coisas e condições como convidados celestes; como tal, é constantemente abençoado, e a tristeza não o alcança.

O amor perfeito é a confiança perfeita. Aquele que destruiu o desejo de ter nunca pode ser incomodado pelo receio da perda. Perda e ganho são-lhe igualmente desconhecidos. Quem se mantém firme numa atitude de amor para com todos e que, ao desempenhar os deveres, fá-lo sempre com amor, é protegido pelo amor, que lhe dá em plena medida tudo o que precisa.

O amor perfeito é o poder perfeito. O coração que ama com sabedoria ordena sem exercer autoridade. Todos os homens e coisas obedecem àquele que obedece ao Altíssimo. Ele pensa, e eis que já concretizou! Ele fala, e eis que o mundo escuta as suas simples palavras! Ele harmonizou os pensamentos com as forças imperecíveis e inconquistáveis – fraqueza e incerteza deixaram de existir para ele. Os seus pensamentos são propósitos; os atos são concretizados; ele acompanha a grande lei, não colocando contra ela a sua insignificante vontade pessoal; portanto, ele transforma-se num canal pelo qual o poder divino pode fluir de forma livre e benéfica. Ele tornou-se assim o próprio poder.

O amor perfeito é a sabedoria perfeita. Aquele que tudo ama é aquele que tudo

sabe. Tendo aprendido por completo as lições do seu coração, ele conhece as tarefas e provações dos outros corações e adapta-se a elas com delicadeza e sem ostentação. O amor ilumina o intelecto; sem ele, o intelecto é cego, frio e sem vida. O amor é bem-sucedido onde o intelecto falha; vê onde o intelecto é cego; sabe onde o intelecto é ignorante. A razão apenas se completa no amor, sendo em última instância absorvida por ele. O amor é a realidade suprema no universo e, como tal, contém toda a verdade. A ternura infinita envolve o universo e zela por ele; desse modo, o homem sábio é meigo e infantil e terno de coração. Ele vê que a única coisa de que todas as criaturas precisam é de amor, e dá-o infatigavelmente. Sabe que todas as ocasiões requerem o poder de adaptação do amor e abstém-se da dureza.

Aos olhos do amor, todas as coisas são reveladas, não como uma infinidade de efeitos complexos, mas à luz dos princípios eternos, dos quais todos os efeitos e causas emanam e aos quais também regressam. «Deus é amor»; portanto, não existe nada mais perfeito do que o amor. Aquele que pretende encontrar o conhecimento puro que procure o amor puro.

O amor perfeito é a paz perfeita. Aquele que habita com ele concluiu a peregrinação no mundo inferior da tristeza. Com a mente calma e o coração em repouso, ele baniu as sombras do pesar e conhece a vida imortal.

Se pretendes aperfeiçoar-te no conhecimento, aperfeiçoa-te no amor. Se pretendes alcançar o Altíssimo, cultiva incessantemente um coração amoroso e compassivo.

[24 Primeira Epístola de São João, 4:18. \(NT\)](#)

## *Capítulo Oito*

## **LIBERDADE PERFEITA**

Não existe escravidão na vida celestial. Existe liberdade perfeita. Esta é a sua grande glória. Esta liberdade suprema obtém-se apenas pela obediência. Aquele que obedece ao Altíssimo coopera com o Altíssimo, e assim domina todas as forças dentro de si e todas as condições que lhe são exteriores. Um homem pode escolher o inferior e negligenciar o superior, mas o superior nunca é superado pelo inferior: aqui reside a revelação da liberdade. Se um homem escolher o superior e abandonar o inferior, poder-se-á estabelecer como um vencedor e conhecerá a liberdade perfeita.

Entregar as rédeas à vontade é a única escravidão; a conquista de si mesmo é a única liberdade. O escravo do eu ama as correntes e não permitirá que uma delas se quebre com receio de se privar de algum dos prazeres que valoriza. Ele apega-se às gratificações e vaidades, imaginando-se vazio se conseguisse livrar-se delas. Deste modo, derrota-se e faz-se escravo de si mesmo.

A liberdade perfeita é encontrada por meio da autoiluminação. Enquanto um homem viver na ignorância de si mesmo, dos seus desejos, emoções e pensamentos, e das causas interiores que lhe moldam a vida e o destino – não sendo capaz de se controlar nem de se compreender –, continuará cativo da paixão, da tristeza, do sofrimento e das flutuações da sorte. A terra da liberdade perfeita situa-se do outro lado do portão do conhecimento.

Toda a opressão externa é apenas a sombra e o efeito da verdadeira opressão interior. Há muito que os oprimidos clamam pela liberdade, e mil estatutos criados pelo homem não lha conseguiram dar. Só eles a podem conceder a si mesmos; encontrá-la-ão apenas na obediência aos estatutos divinos inscritos no seu coração. Se recorrerem à liberdade interior, a sombra da opressão deixará de escurecer a Terra. Se os homens deixarem de se oprimir, ninguém oprimirá o semelhante.

Nós legislamos por uma liberdade exterior, mas continuamos a torná-la impossível de alcançar ao promover um estado de escravidão interna. Como tal, perseguimos uma sombra exterior e ignoramos a substância interior. Seremos livres quando nos libertarmos de nós mesmos. Qualquer forma exterior de

escavidão e opressão terminará logo que deixarmos de ser escravos voluntários da paixão, do erro e da ignorância. A liberdade é para os livres.

Enquanto nos apegarmos à fraqueza, não poderemos ser fortes; enquanto amarmos as trevas, não poderemos receber a luz; e enquanto preferirmos a servidão, não poderemos gozar a liberdade. A força, a luz e a liberdade estão ao nosso dispor agora e podem ser obtidas por quem as ama e a elas aspira. A liberdade não reside na agressão cooperativa, pois esta sempre há de produzir, como reação, uma defesa cooperativa: guerra, ódio, conflitos partidários e a destruição da liberdade. A liberdade reside na autoconquista individual. A emancipação da Humanidade é frustrada e travada pela autoescravização da unidade. Tu que clamas ao homem e a Deus pela liberdade, liberta-te!

A liberdade celestial é a liberdade da paixão, das ânsias, das opiniões, da tirania da carne e da tirania do intelecto. A liberdade que começa no interior e se estende para fora até abarcar todo o ser é uma emancipação tão completa, abrangente e perfeita que não deixa nenhuma grilheta intacta. Liberta a tua alma de todo o pecado e poderás caminhar como um ser livre e destemido num mundo de escravos temerosos; e, ao ver-te, muitos escravos ganharão coragem e juntar-se-ão a ti na tua gloriosa liberdade.

Aquele que diz: «Os meus deveres mundanos são-me incómodos: vou ignorá-los e dedicar-me à solidão, onde serei tão livre como o ar», pensando que assim alcançará a liberdade, encontrará apenas uma escavidão mais dura. A árvore da liberdade tem as suas raízes no dever, e aquele que colher os seus doces frutos tem de encontrar alegria no dever.

Aquele que se libertou de si mesmo é alegre, tranquilo e está pronto para enfrentar todas as tarefas. A contrariedade e o cansaço não podem entrar no seu coração, e a sua força divina ilumina qualquer fardo, de tal modo que o seu peso não se faz sentir. Ele não foge ao dever levando as correntes, quebra-as e liberta-se.

Torna-te puro; resiste à fraqueza, à tentação e ao pecado, porque só no teu coração e na tua mente encontrarás a liberdade perfeita pela qual o mundo inteiro suspira e procura em vão.

## *Capítulo Nove*

## GRANDEZA E BONDADE

Bondade, simplicidade, grandeza – estas três são uma só, e esta trindade de perfeição não pode ser separada. Toda a grandeza brota da bondade e toda a bondade é profundamente simples. Sem bondade não existe grandeza. Alguns indivíduos passam por este mundo como forças destrutivas, como o tornado ou a avalanche, mas não são grandes: estão para a grandeza como a avalanche está para a montanha. A obra da grandeza é duradoura e preserva, não é violenta nem destrói. As maiores almas são as mais amáveis.

A grandeza nunca é intrusiva. Trabalha em silêncio, sem procurar reconhecimento. Assim, não é fácil de identificar nem de reconhecer. Como a montanha, ela eleva-se na sua vastidão, de modo que aqueles que se encontram nas proximidades, que recebem o seu abrigo e sombra, não a veem. A sua sublime grandiosidade só se torna visível quando se afastam dela. O grande ser não é visto pelos contemporâneos; a majestade da sua forma apenas ganha contornos com a passagem do tempo. É este o encanto da distância. O ser humano ocupa-se das coisas pequenas: da casa, das árvores e terras. Poucos contemplam a montanha em cujo sopé vivem e menos ainda os que tentam explorá-la. Mas ao longe estas coisas pequenas desaparecem, e apercebemo-nos então da beleza solitária da montanha. A popularidade, a intrusão ruidosa e o espetáculo de fachada, estas superficialidades desaparecem rapidamente e não deixam marca duradoura, ao passo que a grandeza emerge lentamente da obscuridade e permanece para sempre.

O rabino judeu e a ralé não viram a beleza divina de Jesus, apenas viram um carpinteiro iletrado. Para os seus conhecidos, Homero era apenas um mendigo cego, mas os séculos revelaram-no como Homero, o poeta imortal. Duzentos anos depois de o lavrador de Stratford (e tudo o que dele se sabe) ter desaparecido, o verdadeiro Shakespeare é reconhecido. O verdadeiro génio é impessoal. Não pertence ao indivíduo por meio do qual é manifestado: pertence a todos. É uma difusão da verdade pura: a luz do Céu que desce sobre a Humanidade.

Qualquer obra de génio, independentemente da área em que se revela, é uma manifestação simbólica da verdade impessoal. É universal e encontra resposta

em todos os corações de todas as idades e etnias. Qualquer coisa menos do que isto não é génio, não é grandeza. Uma obra que defende uma religião perece: é a religião em si que vive. As teorias sobre a imortalidade desaparecem, o ser imortal permanece; os comentários sobre a verdade transformam-se em pó, apenas a verdade subsiste. Na arte, só é verdadeiro aquilo que representa o verdadeiro; na vida, apenas é grande o que é universal e eternamente verdadeiro. E o verdadeiro é o bom; o bom é o verdadeiro.

Toda e qualquer obra imortal brota da eterna bondade que reside no coração humano e que se reveste da doce e desafetada simplicidade da bondade. A maior arte é, como a natureza, despreziosa. Não conhece truques, nem poses, nem esforços estudados. Não existem truques de palco em Shakespeare, e ele é o maior dos dramaturgos porque é o mais simples. Os críticos, incapazes de compreender a sábia simplicidade da grandeza, condenam sempre a obra mais sublime. Não conseguem distinguir entre o acriançado e o infantil. O verdadeiro, o belo, o grande, é sempre infantil e é para sempre novo e jovem.

Um grande homem é sempre um homem bom; ele é sempre simples. Inspira-se, ou melhor, vive na fonte inesgotável da bondade divina interior; habita os lugares celestiais; comunga com os grandes que já não estão entre nós; vive com o invisível: é inspirado pelos ares do Paraíso e respira-os.

Aquele que quer ser grande, aprenda a ser bom. Tornar-se-á grande ao não procurar a grandeza. O que visa a grandeza não chega a ser nada; quem visa o nada atinge a grandeza. O desejo de ser grande é indício de pequenez, de vaidade pessoal e de intrusividade. A disponibilidade para não se fazer ver, a total ausência de autoengrandecimento é o testemunho da grandeza.

A pequenez procura e adora a autoridade.

A grandeza nunca é autoritária e, como tal, torna-se a autoridade à qual as épocas posteriores apelam. Aquele que procura, perde; o que está disposto a perder, conquista todos os homens. Sê o teu eu simples, o teu eu melhor, o teu eu impessoal, e serás grande! Quem, egoistamente, procura a autoridade apenas conseguirá tornar-se um trémulo apologista em busca de proteção nas costas da grandeza reconhecida. Aquele que se tornar servo de todos os homens, sem desejar autoridade pessoal, viverá como um homem e chamar-lhe-ão grande. «Permanece nas regiões simples e nobres da tua vida, obedece ao coração e reproduzirás de novo o mundo das origens.»<sup>25</sup> Esquece o teu eu pequeno e

recorre ao eu universal; poderás então reproduzir, em formas vivas e duradouras, um milhar de belas experiências; encontrarás dentro de ti essa bondade simples que é a grandeza.

«É tão fácil ser grande como ser pequeno», diz Emerson; e esta é uma verdade profunda. O esquecimento do eu é a essência da grandeza, assim como da bondade e da felicidade. Num momento fugaz de esquecimento do eu, a alma mais pequena torna-se grande; se esse momento for prolongado indefinidamente, temos uma alma grande, uma vida grande. Livra-te da tua personalidade (dos desejos mesquinhos, vaidades e ambições) como de uma peça de roupa sem valor, e vive antes nas regiões de amor, compaixão e altruísmo da tua alma, e deixarás de ser pequeno: serás grande.

Ao reivindicar a autoridade pessoal, um homem desce à pequenez; ao praticar a bondade, um homem ascende à grandeza. A presunção do pequeno pode, durante algum tempo, obscurecer a humildade do grande, mas é por fim engolida por esta última, do mesmo modo que o rio ruidoso se perde no oceano tranquilo.

A vulgaridade da ignorância e o orgulho da erudição têm de desaparecer. A inutilidade de ambos é idêntica. Não existe lugar para eles na alma da bondade. Se pretendes fazer, primeiro, tens de ser. Não confundas informação com conhecimento: tens de te conhecer a ti mesmo como conhecimento puro. Não confundas erudição com sabedoria; tens de te apreender como sabedoria imaculada.

Queres escrever um livro vivo? Primeiro, tens de viver; deves envolver-te nas vestes místicas de uma experiência múltipla, e aprender, no prazer e no sofrimento, na alegria e na tristeza, na conquista e na derrota, aquilo que nenhum livro e nenhum professor te podem ensinar. Aprenderás da vida, da tua alma; percorrerás a estrada solitária e passarás a ser; tu serás. Então, escreverás o teu livro e ele viverá, será mais do que um livro. Deixa que o teu livro viva primeiro em ti – só então viverás no teu livro.

Pretendes esculpir uma estátua que cativa as eras, ou pintar um quadro que perdure? Faz por conhecer a beleza divina no interior de ti. Compreenderás e adorarás a beleza invisível; conhecerás os princípios que são a alma da forma; perceberás a inigualável simetria e as proporções irrepreensíveis da vida, do ser e do universo: com este conhecimento do eternamente verdadeiro, poderás esculpir ou pintar o indescritivelmente belo.

Pretendes criar um poema imperecível? Primeiro, vive o teu poema; pensa e age ritmicamente; procura a fonte inesgotável da inspiração nos lugares de amor no teu coração. Então, linhas imortais fluirão de ti sem esforço, e, assim como as flores do bosque e do campo brotam espontaneamente, também hão de crescer belos pensamentos no teu coração: contidos em palavras como se estas fossem moldes da sua beleza, eles subjugarão o coração dos homens.

Pretendes compor música que alegre e eleve o mundo? Adapta a tua alma às harmonias celestiais. Entende que tu, a vida e o universo são música. Toca os acordes da vida. Entende que a música está em toda a parte, que ela é o coração do ser: então, ouvirás com o teu ouvido espiritual as sinfonias imortais.

Pretendes pregar a palavra viva? Renuncia a ti mesmo e torna-te essa palavra. Entende uma coisa – que o coração humano é bom, é divino; vive apenas de uma coisa – amor. Ama tudo, sem ver o mal, sem pensar o mal, sem acreditar no mal; então, embora fales pouco, todos os teus atos serão como poderes, todas as tuas palavras como preceitos. Graças aos teus pensamentos puros, aos teus atos altruístas (ainda que pareçam ocultos), hás de pregar, ao longo dos séculos, a incontáveis multidões de almas aspirantes.

Àquele que, sacrificando tudo, escolhe a bondade, é dado aquilo que é mais do que tudo e tudo inclui.

Ele entra na posse do melhor, comunga com o Altíssimo e conhece a companhia do grande.

A grandeza que é imaculada, perfeita e completa encontra-se acima e além de toda a arte. É a bondade perfeita manifesta; como tal, as maiores almas são sempre mestres.

[25 Excerto de Self-Reliance, de Ralph Waldo Emerson. \(NT\)](#)

## *Capítulo Dez*

## O CÉU NO CORAÇÃO

A labuta da vida cessa quando o coração é puro. Quando a mente está em harmonia com a lei divina, a roda da escravidão deixa de girar, e todo o trabalho é transformado em alegre atividade. Os que têm um coração puro são como os lírios do campo, que não se esforçam, mas encontram alimento e vestuário no abundante armazém do bem absoluto. Mas o lírio não é letárgico – a sua atividade é incessante, alimentando-se da terra, do ar e do sol. Graças ao poder divino imanente que tem dentro de si, ele constrói-se a si mesmo, célula a célula, abrindo-se à luz, crescendo e expandindo-se rumo à flor perfeita. O mesmo acontece com aqueles que, tendo prescindido da vontade própria, aprenderam a colaborar com a vontade divina. Eles crescem em graça, bondade e beleza, livres da ansiedade e isentos de atritos e esforços. E nunca trabalham em vão – nenhuma ação é desperdiçada. Todos os pensamentos, atos e coisas realizadas servem o propósito divino e aumentam a soma da felicidade do mundo.

O céu existe no coração. Quem o procura noutra lugar, fá-lo em vão. A alma não encontrará o céu em nenhum lugar externo enquanto não o descobrir dentro de si, isto porque, aonde quer que a alma vá, os pensamentos e desejos acompanham-na, e, por mais bela que seja a sua morada exterior, se o pecado residir no interior, haverá escuridão e trevas no exterior, porque o pecado projeta sempre uma sombra no caminho da alma: a sombra da tristeza.

Este mundo é belo – transcendental e maravilhosamente belo: é impossível enumerar as suas belezas e maravilhas inspiradoras; todavia, para a mente impregnada de pecado, surge como um lugar sombrio e sem alegria. Onde a paixão e o eu residem, residem o inferno e todas as dores do mesmo; onde a santidade e o amor residem, temos o céu e todas as suas alegrias.

O céu está aqui. Está igualmente em toda a parte, onde quer que exista um coração puro. O universo encontra-se cheio de alegria, mas o coração preso ao pecado não consegue ver, ouvir, nem participar nessa alegria. Ninguém é, nem pode ser, arbitrariamente excluído do Céu: somos nós que nos excluimos. Os seus portões dourados estão eternamente entreabertos, mas os egoístas não conseguem encontrá-los; lamentam-se, mas não veem; choram, mas não ouvem. Somente àqueles que voltam os olhos para as coisas celestiais, os ouvidos para

os sons celestiais, é revelado o almejado final do caminho secreto da alma, e eles entram e alegram-se.

Toda a vida é alegria quando o coração está certo, sintonizado com os doces acordes do amor sagrado. A vida é religião, a religião é vida e tudo é alegria e regozijo. As notas dissonantes de credos e partidos, as sombras negras do pecado, deixemo-las ir para sempre: não podem franquear a porta da vida, não fazem parte da religião, da alegria, da música e da beleza, que, todas elas, pertencem à verdadeira ordem das coisas, pertencem à textura do universo – é com elas que as vestes divinas da vida são tecidas. A religião pura é feliz, não sombria. É luz sem escuridão nem sombra.

Desânimo, desilusão, pesar: estes são os reflexos do prazer da excitação, do egoísmo e do desejo. Ao renunciar aos últimos, os primeiros desaparecem para sempre, restando então a perfeita felicidade do céu.

A felicidade pura e abundante é a nossa verdadeira vida; a bem-aventurança perfeita é o quinhão que nos pertence por direito; quando perdemos a nossa vida falsa e encontramos a verdadeira, entramos em plena posse da nossa alma. O caminho secreto da alma é o nosso lar; existe aqui e agora, no nosso coração, e não nos faltarão guias se o quisermos encontrar. Todas as nossas tristezas e sofrimentos são o resultado do nosso afastamento voluntário da fonte divina, do bem absoluto, do Pai, do coração do amor. Só temos de regressar ao lar: a paz aguarda-nos.

Aqueles cujo coração é divino não conhecem tristeza nem sofrimento, porque desconhecem o pecado. Encaram como agradáveis tarefas de amor e sabedoria aquilo a que os obcecados com o plano terrestre chamam problemas. Os problemas pertencem ao Inferno – não entram no Céu. Isto é tão simples que não devia parecer estranho. Se temos um problema, esse existe na nossa mente e em nenhum outro lugar; somos nós que o criamos – ele não é criado para nós; o problema não reside nas nossas tarefas, nem em qualquer coisa exterior. Nós é que o criamos e ele extrai a sua vida apenas de nós. Se encararmos todas as nossas dificuldades como lições a aprender, como contributos para o nosso crescimento espiritual, veremos que elas deixam de ser dificuldades! Este é um dos caminhos para o Céu.

Transformar tudo em felicidade e alegria, este é o dever e o trabalho supremo de quem pretende encontrar o Céu. Reduzir tudo à miséria e à privação: este é o

processo seguido por aqueles que, inconscientemente, apenas se preocupam com o plano terreno. Viver em amor é trabalhar em alegria. O amor é a magia que transforma todas as coisas em poder e beleza. Ele retira abundância da pobreza, poder da fraqueza, encanto da deformidade, doçura da amargura, luz das trevas – e produz todas as condições da felicidade a partir da própria essência, a qual, sendo substancial, não deixa de ser indefinível.

Aquele que ama nunca pode querer. O universo pertence à bondade e, como tal, pertence aos seres bons. Pode pertencer a todos sem restrição nem limite, porque a bondade e a sua abundância (abundância material, mental e espiritual) são inesgotáveis. Se pensarmos com amor, falarmos com amor, agirmos com amor, todas as nossas necessidades serão satisfeitas: nunca daremos por nós em lugares desertos nem vítimas de qualquer perigo.

A visão do amor é perfeita, o seu julgamento é verdadeiro, as suas ações resultam da sabedoria. Se virmos com os olhos do amor, veremos em toda a parte o belo e verdadeiro; se julgarmos com a mente do amor, não poderemos errar nem gerar dor; se agirmos com o espírito do amor, tocaremos harmonias imperecíveis na harpa da vida.

Não podemos aceitar compromissos com o eu. O nosso esforço deve ser contínuo, até que todo o nosso ser esteja envolto em amor. Amar tudo e sempre: este é o Céu dos céus. «Que não haja nada no teu interior que não seja muito belo e afável; então, não existirá nada no teu exterior que não seja embelezado e mitigado pelo encanto da tua presença.»<sup>26</sup> Tudo o que fazemos, que seja feito com tranquila sabedoria, e não como resultado do desejo, impulso ou opinião; este é o caminho para a ação divina.

Se purificarmos o mundo dos nossos pensamentos até que não reste nenhuma mancha, ascenderemos ao Céu ainda neste corpo. Veremos então as coisas do mundo exterior revestidas de tudo o que são belas formas. Tendo encontrado a beleza divina dentro de nós, ela ganha vida em tudo o que nos é exterior. Para a alma que encontrou a beleza, o mundo é lindo.

As almas não desenvolvidas são apenas flores por abrir. A beleza perfeita encontra-se oculta no interior e um dia revelar-se-á sob a luz plena do Céu. Ao vermos os outros com estes olhos, encontramos-nos onde o mal não existe e onde os olhos apenas veem o bem. É aqui que reside a paz, a paciência e a beleza do amor: ele não vê o mal. Quem ama assim torna-se o protetor dos que o rodeiam.

Embora, na sua ignorância, eles o odeiem, protege-os e ama-os.

Que jardineiro é tão tolo que condene as suas flores porque elas não se desenvolvem num dia? Se aprendermos a amar, veremos em todas as almas, mesmo nas consideradas «degradadas», a beleza divina e saberemos que esta não deixará de se manifestar a devido tempo. É uma das visões celestes; é desta noção que advém a alegria.

Pecado, tristeza, sofrimento – são consequências da alma que, ao tatear nas trevas, ainda não se abriu à luz. Abre as pétalas da tua alma e deixa entrar a luz gloriosa.

Toda a alma pecadora é uma harmonia por concretizar. Ela acabará por encontrar o acorde perfeito e intensificar as alegres melodias do Céu.

O Inferno é a preparação para o Céu: é dos escombros dos seus casebres arruinados que se erguem as mansões aprazíveis onde a alma aperfeiçoada pode habitar.

A noite é apenas uma sombra fugaz projetada pelo mundo, e a tristeza não é mais do que uma sombra passageira projetada pelo eu. «Sai ao encontro da luz do Sol.»<sup>27</sup> Tu, que lêes estas páginas, tens de saber que és divino. Não estás isolado do Divino, exceto na descrença. Levanta-te, ó filho de Deus! E livra-te do pesadelo do pecado que te prende; aceita a tua herança: o caminho secreto da alma! Não drogues a alma com os venenos das falsas crenças. Não és «um verme do pó»<sup>28</sup>, a menos que queiras. És um ser divino, imortal e nascido de Deus, e isto podes sabê-lo se te dispuseres a procurar e encontrar. Se não te apegares aos pensamentos impuros e humilhantes, saberás que és um espírito radioso e celestial, cheio de pensamentos puros e afáveis. A desgraça, o pecado e a tristeza não te cabem neste mundo a menos que os aceites como tal; e, se o fizeres, caber-te-ão para sempre, porque estas coisas estão ligadas ao estado da tua alma: acompanhar-te-ão aonde fores, pois apenas existem dentro de ti.

O Céu, não o Inferno, pertence-te agora e sempre. Apenas tens de aceitar aquilo que te pertence. És o mestre e escolhes a quem queres servir. Crias o teu estado, e a tua escolha determina a tua condição. O que pedes e pelo qual rezas (com a mente e o coração, não apenas com os lábios) é o que recibes. Ao servir, também és servido. Ao condicionar, és também condicionado. Acumulas em ti mesmo.

O Céu é teu: apenas tens de entrar e tomar posse. E o Céu significa felicidade suprema, perfeita bem-aventurança – não deixa nada a desejar, nada a lamentar. É a satisfação plena agora e neste mundo. Existe dentro de ti, e, se não o sabes, é porque insistes em virar-lhe as costas da tua alma. Volta-te e verás.

Vem viver à luz do sol do teu ser. Sai das sombras e dos lugares escuros. Foste feito para a felicidade. És um filho do Céu. Pureza, sabedoria, amor, abundância, alegria e paz – estas são as realidades eternas do caminho secreto da alma, e são tuas, mas não podes possuí-las no pecado: elas não têm lugar no caminho mundano. Elas pertencem à «luz verdadeira, que, ao vir ao mundo, todo o homem ilumina»<sup>29</sup>, à luz do amor imaculado. São a herança do Cristo-Filho sagrado que nascerá na tua alma quando estiveres pronto para te livrar de todas as impurezas. Elas são o teu verdadeiro eu.

Mas aquele cuja alma nasceu da maravilhosa criança-alegria não esquece os trabalhos do mundo.

[26 Excerto de In Woods of God-Realization or The Complete Works of Swami Rama Tirtha, Volume VII. \(NT\)](#)

[27 Supomos que se trate de uma referência ao hino religioso «Come out Into the Sunlight», com letra de Mattie Childs. \(NT\)](#)

[28 Expressão retirada de The Upward Look, de Ellen G. White. \(NT\)](#)

[29 Evangelho segundo São João, 1:9. \(NT\)](#)